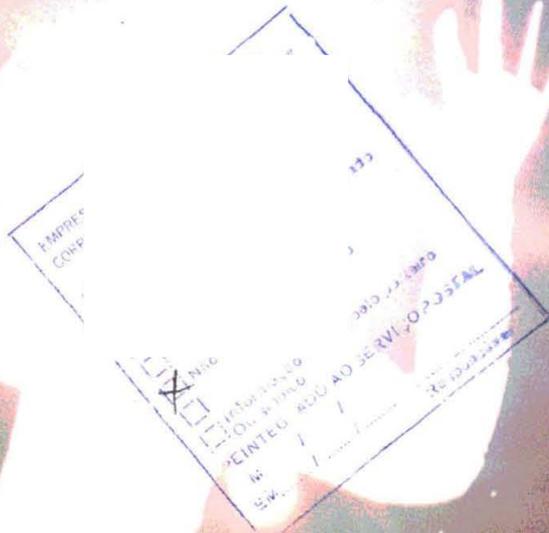


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



chegou a hora
dessa gente
BRONQUEADA
mostrar
seu valor.

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V

Nº 63/69

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Nova praça para um novo tempo

Ano novo, vida nova

Ainda mais quando estamos nos preparando para comemorar os 40 anos da fundação de Brasília e os 500 anos do descobrimento do Brasil pelos portugueses.

No ano 2000, os moradores e os visitantes de Brasília terão uma nova e linda praça para freqüentar, visitar, curtir: trata-se da Praça Portugal, que foi completamente restaurada e embelezada graças a uma moção aprovada na Câmara Legislativa do DF e à pronta ação da Secretaria de Obras.

Uma praça faz parte da urbis e da civita das cidades. É alma e é urbanismo. As praças integram os moradores, dão um toque humanístico à arquitetura, definem o perfil da sociedade que vive ao seu redor. "A praça é do povo como o céu é do condor", escreveu Castro Alves. Uma praça, portanto, é um instrumento de cultura e cidadania de um povo. A Praça Portugal faz parte da memória de Brasília e nada mais cultural do que restaurá-la. Foi o que fiz, como cidadão brasileiro, brasiliense e também português.

A Praça Portugal será um palco vivo da cultura brasiliense neste novo milênio. Nela, as editoras, as livrarias, os escritores e os artistas do planeta poderão realizar suas feiras, seus shows, seus encantamentos. A Secretaria de Cultura – tenho certeza – já tem projetos para dinamizar e dar vida à praça. A Embaixada de Portugal e o Instituto Camões, tão ativos culturalmente ao longo de 1999, também terão seus planos nesse ano 2000. Enfim, renasce um novo e belo espaço cultural em Brasília.

Anunciar "a boa nova" na revista cultural **DF Letras**, da Câmara Legislativa, faz parte da cerimônia de dinamização artística da casa parlamentar dos brasilienses. Nós, políticos, devemos a cada dia procurar estar integrados à alma do povo que representamos. Nada melhor do que propor o renascimento da praça por intermédio de escritores, pensadores e poetas.

A Praça Portugal, além de uma grande obra, simboliza um marco, um elo entre dois países irmãos. Ao longo desses 500 anos, o Brasil se fez uma nação múltipla, pluricultural e multirracial. Desenvolveu-se com a força dos africanos e da cultura indígena, base primeira da nossa nação. O Brasil sempre incluiu, antropofagicamente na sua cultura, raças e modelos sociais. Por isso, a Praça Portugal é um espaço absolutamente democrático: brasileiros, portugueses, índios, caboclos, negros, asiáticos, europeus, árabes, americanos, sem nenhum preconceito de cor, raça, religião, nível social. Um logradouro totalmente planetário.

É essa a praça que estamos devolvendo a Brasília nesse ano 2000.

Gim Argello

Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF

CAPA
Foto de Carlos Moura sobre o
Monumento de Siron Franco
em memória do índio
pataxó Galdino,
assassinado na
W-3 Sul.

IMOLAÇÃO

“BRINCADEIRA DE ÁLCOOL E DE MORTE—

O índio Galdino Jesus dos Santos dormia num ponto de ônibus na madrugada do dia 21 de abril. Cinco menores de 21 anos resolveram ‘brincar’. Compraram dois litros de álcool num posto de gasolina e atearam fogo sobre o índio. Galdino virou uma tocha viva.”

Notícia de jornal (Brasília, 22.4.98)

Ele viera de longe
do remoto

os confins do país
mal registrados no mapa.
Trazia na cabeça incoroada
a lembrança de um cocar
perdido à marcha da civilização.
Toscamente

guardava dignidade no porte
náufrago da cultura antiga
que o situava terceiro
- logo abaixo do cacique ou do pajé.
Trazia a incumbência de falar
pelo seu povo

d i s p e r s o

e protelava as reuniões a autoridade vigente.
Tratava-se entretanto

segundo a lei
de demarcar terras que foram suas
ocupadas outrora

mas hoje taladas
em nome do progresso
pro Mundi benefício.
Cansado de reuniões protocolares
(o interminável conluio)
e porque lhe fecharam a porta da pensão
nas trevas do dia de Tiradentes

- protomártir
deitou-se para dormir
em banco de via pública
supostamente livre consciência cidadã
trânsito aberto de ir e vir
sentar ou deitar

(como se viu
perigoso entre sorte e azar).
Então foi a hora de soar a sua hora
colhido fatalmente na roleta da exclusão
só pelo engano de parecer mendigo.
Uma cambada de meninos abastados

abastados

e fartos de festa
decidiram outro alterno brincar:
prender-lhe fogo.
A agonia durou algum tempo
até a morte no hospital.
E a justiça dos vivos vivíssimos
subtraiu-lhe a razão.

“Fora apenas
uma brincadeira

sem intenção de matar.”
decretaram os juízes grasnando unanimidade.
Os gaiatos poderiam de novo circular
propícios a outros jogos proibidos
de resto muito normais na classe alta enfastiada.
Douram-se os frutos da nossa civilização
mas nos ventos desatados
que açoitam ainda essa raça extinta
(ou propensa à extinção)
valha a esperança de ressurgir ao terceiro dia.
Posto que os colendos

comovidos
contra a opinião pública
invocaram na sentença
vida paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.
No entanto

certa inocência infantil
conhecendo o fato e sem julgar os juízes
falou com singeleza:

“Eu só queria perguntar
e se fosse o índio que tivesse brincado?”.

(Do livro inédito *Anatomia Invisível*.)



O CHORO DA MORTE

□ ANTONIO TEMÓTEO DOS A. SOBRINHO

*Dorme, Brasília, o sono do cerrado;
passa... felina... a noite irracional.
Numa parada um índio fatigado,
se deita e cobre o corpo com jornal.*

*Tão logo... chega um carro e pára ao lado...
ausculta... e em disparada passional
parte e retorna. Um grupo tresloucado
encharca do índio a massa corporal
e num segundo, um monstro, de viés
ateia fogo ao líquido e papéis
enquanto a morte em desespero implora:*

*Misericórdia aos céus por tanta afronta,
esta crueldade até a mim amedronta!
E aflita e em desespero a morte chora.*





Caricatura
de Mário de Andrade
por Paim (1923)

Pequeno estudo sobre

MACUÑ

a partir das teorias
de Mikhail Bakhtin

□ BRANCA BAKAJ

*O PRESENTE TRABALHO É TODO BASEADO NAS PESQUISAS
REALIZADAS POR MIKHAIL BAKHTIN AO ESTUDAR OS ROMANCES DE
DOSTOIÉVSKI E A OBRA DE RABELAIS.*

*NESSES ESTUDOS O AUTOR FAZ UM LEVANTAMENTO DOS PROCESSOS
PARÓDICOS, MOSTRANDO-NOS A COSMOVISÃO CARNAVALESCA E A
PROFUNDA RELAÇÃO QUE GUARDAM O CÔMICO E O SÉRIO, COM BASE
NO FOLCLORE CARNAVALESCO.*

*A LITERATURA CARNAVALIZADA É, POIS, UMA LITERATURA QUE
SOFREU A INFLUÊNCIA DE DIFERENTES MODALIDADES DE FOLCLORE
CARNAVALESCO ANTIGO OU MEDIEVAL.*

Extraído do livro
Quatro estudos literários,
de Branca Bakaj,
da Coleção Machado de
Assis, do Comitê de
Imprensa do Senado
Federal.

MACUNAÍMA



Ao lermos MACUNAÍMA, sentimos de pronto a possibilidade de uma aproximação entre os processos descritos por Bakhtin e os utilizados por Mário de Andrade em sua festejada rapsódia. Encontramos nela as particularidades exteriores do gênero no campo do cômico-sério, com um novo tratamento dado à realidade (havendo até uma atualização do herói mítico), o fato de basear-se na experiência e na fantasia livre, a pluralidade de estilos e a variedade de vozes.

É bem verdade que Mário de Andrade se apóia, também, na lenda — recolhida por Koch-Grünberg — de Macunaíma e seus irmãos, adaptando-a à reali-

dade brasileira.

Não há no livro uma unidade estilística, preferindo o autor a politonia, a fusão do sublime e do vulgar e do sério e do cômico, a intercalação de gêneros, de prosa e verso, etc.

É justamente nesse processo de jogar-se com o “cômico-sério” que devemos buscar as variedades da linha carnavalesca que, libertas da concepção oficial de vida, permitem que lancemos um olhar novo sobre o mundo, sem medo, sem piedade, um olhar antes de tudo crítico, livre e lúcido.

A atmosfera carnavalesca penetra a obra, dando-lhe o ar de praça pública durante a festa popular.

Não se pode deixar de ressaltar aqui a influência da sátira menipéia (cf. Menipo de Gadare, filósofo do século III a.C., apesar de o gênero ter surgido bem antes), cujas raízes remontam diretamente ao folclore carnavalesco. O primeiro representante da sátira menipéia talvez tenha sido um discípulo de Sócrates, Antistheno. Heráclito de Pontik, contemporâneo de Aristóteles, escreveu também sátira menipéia.

Está hoje evidente a importância da sátira menipéia no desenvolvimento das literaturas europeias, já que foi um dos principais veículos portadores da cosmovisão carnavalesca até nossos dias.

Ela é mais cômica do que o diálogo socrático, embora este, também, seja impregnado de cosmovisão carnavalesca.

Podemos dizer que Macunaíma herda da sátira menipéia a figura lendária do herói; a fantasia audaciosa e descomedida; a aventura; o fato de criar situações fora do comum para provocar uma idéia filosófica; a combinação do fantástico livre e do simbolismo, às vezes até do elemento místico-religioso com o naturalismo do submundo. Podemos indicar, ainda, a presença dos contrastes agudos dos jogos de oxímoro.

A sátira menipéia, segundo M. Bakhtin, "se formou na época da desintegração da tradição popular nacional, da destruição daquelas normas éticas que constituíam o ideal antigo do "agradável" ("beleza-dignidade"), numa época de luta tensa entre inúmeras escolas e tendências religiosas e filosóficas heregogêneas, quando as discussões em torno das "últimas questões" da visão do mundo se converteram em fato corriqueiro entre todas as camadas da população e se tornaram uma constante em toda parte onde quer que se reunisse gente: na praça pública, nas ruas, estradas, tavernas, nos banhos, no convés dos navios, etc.; estas ocasiões, a figura do filósofo, do sábio (o cínico, o estóico, o epicurista) ou do profeta e do milagreiro tornou-se típica e mais freqüente que a figura do monge na Idade Média, época da preparação e formação de uma nova religião universal: o **crístianismo**."⁽¹⁾

A menipéia era a expressão mais adequada das particularidades dessa época.

Ela incorpora os gêneros cognatos, tais como a diatribe, o solilóquio e o simpósio.

Cabe-nos, ainda, abordar o problema do carnaval, da carnavalização em literatura.

Bakhtin acha que "um dos problemas mais complexos e interessantes da história da cultura é o problema do *carnaval* (no sentido de conjunto de todas as variadas festividades, dos ritos e formas de tipo carnavalesco), da sua essência, das suas raízes profundas na sociedade primitiva e no pensamento primitivo do homem, de seu desenvolvimento na sociedade de classes, de sua excepcional força vital e seu perene fascínio."⁽²⁾

O carnaval ignora a distinção entre atores e espectadores, pois estes vivem o carnaval.

A idéia do carnaval está nas saturnais romanas e no carnaval da Idade Média.

Ele é apresentado como uma segunda vida do povo, baseado no princípio do riso.

No carnaval há o triunfo da liberdade, abolindo-se as relações hierárquicas, os privilégios, as regras e os tabus.

O carnaval está em posição diametralmente oposta da festa oficial, onde prevalece o estável, o imutável, a hierarquia, os valores, os tabus religiosos, políticos e morais. A festa oficial é, pois, o triunfo da verdade.

A vida carnavalesca "é uma vida desviada da sua ordem *habitual*, em certo sentido uma "vida às

avessas", um "mundo invertido" (*monde à l'envers*)."⁽³⁾

O carnaval não é um fenômeno literário, ele é uma forma sincrética de espetáculo com caráter ritual, em que se criou uma linguagem concreto-sensorial simbólica, expressando uma cosmovisão.

"A carnavalização não é um esquema externo e estático que se sobrepõe a um conteúdo acabado, mas uma forma insolitamente flexível de visão artística, uma espécie de princípio que permite descobrir o novo e inédito."⁽⁴⁾

A carnavalização em literatura é, assim, uma transposição do carnaval para a linguagem da literatura.

A língua carnavalesca foi também usada por Erasmo, Shakespeare, Cervantes, Lope de Vega,



Mário de Andrade reconhece as aproximações entre Macunaíma e a epopéia medieval, mas garante que a obra surge de sua permanente preocupação em descobrir o que é verdadeiramente brasileiro.

(1) BAKHTIN, Mikhail, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, p. 102.

(2) *Idem, ibidem*, p. 105.

(3) *Idem, ibidem*, p. 105.

(4) *Idem, ibidem*, p. 144.



Em 1969, Joaquim Pedro de Andrade “adaptou” para o cinema Macunaíma. Na cena, interpretado por Grande Otelo, Macunaíma se balança numa rede armada por cima da cama de Ci, amante do herói.

Tirso de Molina, Guevara e Quevedo. Todavia, o grande utilizador do riso carnavalesco na literatura mundial foi Rabelais. Nele encontramos o vocabulário familiar e da praça pública, as imagens do corpo, do beber, do comer, da satisfação de necessidades naturais e da vida sexual. Bakhtin chama a isto de realismo grotesco, o que observamos em Macunaíma também.

No dizer de Bakhtin, “Dans le réalisme grotesque (c’est-à-dire dans le système d’images de la culture comique populaire), le principe matériel et corporel est présenté sous son aspect universel de fête, utopique. Le cosmique, le social et le corporel sont indissolublement liés, comme un tout vivant et indivisible. Et ce tout est joyeux et bienfaisant”.⁽⁵⁾

O grotesco já é encontrado na mitologia e na arte arcaica de todos os povos, mas seu desenvolvimento se deu na Idade Média. O termo “grotesco”, todavia, é da Renascença.

Nos séculos XVII e XVIII, encontram-se em todos os fenômenos marcantes de época a forma grotesca e carnavalesca, haja vista a “commedia dell’arte”, a comédia de Molière, a obra de Swift e os romances filosóficos de Voltaire e Diderot.

No Pré-Romantismo e no início do Romantismo, há uma ressurreição do grotesco, com um sentido

novo (cf. Tristram Shandy).

No grotesco romântico, o riso é diminuído, aparecendo como forma de humor, ironia e sarcasmo. Ele se apresenta como uma reação contra os elementos do Classicismo e do século XVII, quando predominava o racionalismo, o autoritarismo estatal, o didatismo, o pragmático e o sentido unívoco.

Hegel caracteriza o grotesco por três traços: 1º) mistura de zonas heterogêneas da natureza; 2º) falta de medida no exagero; 3º) multiplicação de certos órgãos.

Atualmente, no século XX, há um novo e poderoso renascimento do grotesco, numa dupla vertente. A primeira, a do grotesco modernista, que retoma as tradições do grotesco romântico, como, por exemplo, Alfredo Jarry, os surrealistas, os expressionistas e outros. A segunda é a do grotesco realista, na linha de Thomas Mann, Bertolt Brecht e Pablo Neruda, entre outros. Esta vertente retoma as tradições do realismo grotesco e da cultura popular.

O cômico é a força motriz do grotesco.

Vemos, pelos estudos de Bakhtin, a importância do riso dentro da história da cultura humana. Na Idade Média, ele funcionava por oposição ao tom

(5) BAKHTIN, Mikhail, *L’oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*, p. 28.

sério que caracterizava a cultura oficial, oprimida pela ideologia feudal. Ademais, o próprio cristianismo condenava, em princípio, o riso. São João Crisóstomo dizia que o riso e as brincadeiras não vêm de Deus e sim do Diabo. Esta visão séria da ideologia da época, com o respaldo da Igreja, propiciava a necessidade de legalizar-se, fora do rito e do cerimonial oficial, a alegria, o riso e a brincadeira, gerando uma oposição: formas canônicas *versus* formas cômicas.

No entender de Aristóteles, o riso é tão necessário que ele começa quarenta dias após o nascimento. Há quem diga que só Zoroastro teria começado a rir no dia de seu nascimento, fato que seria augúrio de sabedoria divina.

Na Renascença, “le rire a une profonde valeur de conception de monde, c’est une des formes capitales par lesquelles s’exprime la vérité sur le monde dans son ensemble, sur l’histoire, sur l’homme; c’est un point de vue particulier et universel sur le monde, qui perçoit ce dernier différemment, mais de manière non moins importante (sinon plus) que *le sérieux*, c’est pourquoi la grande littérature (qui pose d’autre part des problèmes universels) doit l’admettre au même titre que le sérieux: seul le rire, en effet, peut accéder à certains aspects du monde extrêmement importants.”⁽⁶⁾

O riso, na Renascença, refere-se às fontes antigas, como Luciano, Ateneu, Áulio Gélío, Plutarco e Macróbio.

O século XVI é o apogeu da história do riso.

No século XVII predomina o caráter sério e monocórdio. Não há lugar para a ambivalência, pois o essencial e o importante não podem ser cômicos (cf. a história e os homens que a encarnam: reis, heróis, chefes de armadas). O riso fica, então, dentro dos gêneros menores.

No século XVIII, o riso alegre torna-se desprezível e vil. Há na literatura, entretanto, motivos e símbolos carnavalescos. As formas do carnaval transformam-se em procedimentos literários, a serviço de fins artísticos diferentes.

No século XIX, encontramos estudos

sobre Rabelais, sua vida e sua obra, o que demonstra uma preocupação com o riso.

Já no século XX, a partir do início de 1903, com a fundação da Sociedade dos Estudos Rabelaisianos, vemos toda uma linha de preocupação com a obra de Rabelais, como nos mostra Bakhtin em seus estudos sobre a obra deste autor.

Abordaremos, também, no desenvolvimento do trabalho, aspectos da praça pública.

A praça pública, no fim da Idade Média e da Renascença, formava um mundo único e inteiro, ambiente de liberdade, de franqueza e de familiaridade.

As festas, as festividades gravitavam em torno da praça pública, que era o ponto de convergência de tudo o que não era oficial.

“En dernière analyse, le vocabulaire grotesque de la place publique (surtout dans ses couches les plus anciennes) était orienté vers de monde et chacun des phénomènes de ce monde en état de perpétuelle métamorphose, de passage de nuit à l’aube, de l’hivers au printemps, du vieux au neuf, de la mort à la naissance.”⁽⁷⁾

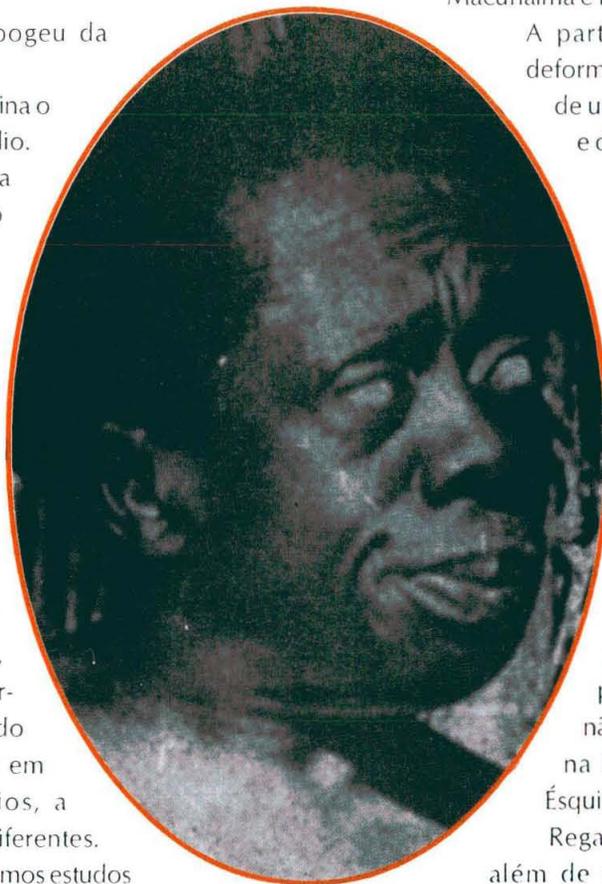
Mário de Andrade inicia *Macunaíma* com o nascimento do personagem principal, dentro de um esquema carnavalizado: o herói nasce de mãe muito velha (pois esta já possuía um filho, Maanape, “já velhinho”), é feio e traz uma profecia paródica de ser o “herói de nossa gente”, além de não haver referência alguma à existência de um pai.

Macunaíma é filho do medo da noite.

A partenogênese é, pois, deformada, grotesca, dentro de uma fantasia audaciosa e descomedida.

O parto estabelece uma ligação com a zona dos órgãos genitais, o “baixo” corporal que fecunda, que dá nascimento. Esta parte se liga, diretamente, à idéia de Macunaíma urinar sobre a mãe, já que a projeção de excrementos ou a rega com urina tem papel de primeiro plano não só em Rabelais como na literatura antiga: em Ésquilo e Sófocles.

Regar com a urina a mãe, além de ser uma quebra da



Grande Otelo interpreta no filme de Joaquim Pedro Macunaíma, o herói feio, preto e sem caráter, que nasce de uma velha de rosto duro e seco e vira um príncipe vestido nas cores berrantes de papel crepom.



**Ilustração
de Caribé
para
Macunaíma**

hierarquia – de que temos outros exemplos no livro, quando Macunaíma tem relação com as cunhadas e não respeita os irmãos mais velhos – é um gesto rebaixante tradicional do realismo grotesco e da Antigüidade. São, pois, gestos e imagens carnavalescos que conservam uma linguagem substancial com o nascimento, a fecundidade, a renovação e o bem-estar.

Para Bakhtin, “Les images des excréments et de l’urine sont ambivalentes comme toutes les images du “bas” matériel et corporel: simultanément elles rebaissent et donnent la mort d’un côté, donnent le jour et rénovent de l’autre; elles sont à la fois bénites et humiliantes, la mort et la naissance, l’accouchement et l’agonie sont indissolublement imbriquées. En même temps, ces images sont étroitement liées au rire.”⁽⁶⁾

O cinismo, a obscenidade e os elementos grosseiros, ligados por sua vez à vida da praça pública (de caráter não oficial e livre) são elementos capitais do baixo material e corporal no sistema do realismo grotesco, bem como aparecem na festa popular.

Ainda no Capítulo I há uma referência à “bunda do herói” e à característica obscena de Macunaíma ao brincar com Sofará.

Rabelais coloca a excitação sexual, ou seja, a capacidade de realizar o ato reprodutivo, depois das necessidades naturais.

No Capítulo III, Macunaíma cumpre o rito nupcial com Ci, havendo o contato físico, o ato da concepção e o triunfo da virilidade, já que ela é vencida sexualmente, apesar do interdito tribal, que proibia tal relacionamento.

Antes do ato em si, há pancadas nupciais. “O herói se atirou por cima dela pra brincar. Ci não

queria. Fez lança da flecha tridente enquanto Macunaíma puxava da pajeú. Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo.”⁽⁹⁾

As pancadas se encontram dentre os ritos do tipo carnavalesco e se repetem em outras partes do livro.

Da ligação entre Ci e Macunaíma nasceu um filho encarnado que morre, cumprindo-se um preceito fabular de que a toda

violação corresponde uma punição. Do corpo de seu filho nasce o guaraná, compondo-se, assim, uma lenda. Há o aspecto cósmico da fertilidade da terra.

O corpo grotesco é um corpo em movimento. Ele não acaba. No dizer de Bakhtin, ele está sempre em estado de construção, de criação. A morte, o cadáver, o sangue do solo dão nascimento a uma nova vida. Na obra de Rabelais, a morte-renovação-fertilidade tem aspecto capital.

O corpo da mãe de Macunaíma transforma-se num cerro.

O riso carnavalesco não permite que nenhum dos momentos de sucessão, como o nascimento ou a morte de absolutize. Nas imagens carnavalescas vemos que a própria morte é gestante, enquanto o seio materno parturiente é a sepultura.

Mário de Andrade, aproveitando os recursos do grotesco, não deixa de lado o membro viril (o falo) e os testículos. No Capítulo III, Ci, depois de vencida pelo herói, se entrega em dádiva total, lançando mão de recursos eróticos grotescos, como o de passar urtiga “no chuí do herói e na nalachitchi dela”.

A atuação sexual do personagem é hiperbolizada.

Outro aspecto do “baixo” corporal nos é mostrado no Capítulo VI, quando Macunaíma, para libertar-se do Piaimã, coloca “o sim-sinhô dele na boca do buraco”.

A imagem grotesca ocupa-se das saídas, excrescências e orifícios.

As formas grotescas do corpo aparecem nos povos não-europeus e no próprio folclore europeu. Segundo Bakhtin, o corpo que figura em todas as expressões da linguagem não-oficial e familiar é o corpo fecundante-fecundado, colocando no

(6) *Idem, ibidem*, pp. 75-6.

(7) *Idem, ibidem*, pp. 167-8.

(8) *Idem, ibidem*, p. 154.

(9) ANDRADE, Mário de, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, p. 21.

mundo-posto no mundo, comedor-comido, que bebe, excretador, doente e que morre.

No Capítulo X, Mário de Andrade coloca a palavra “puito” (ânus), empregada carnavalescamente, com sentido de botoeira/lapela, já que “Orifício era a palavra que a gente escrevia mas porém nunca ninguém não falava ‘orifício’ não.”

No realismo grotesco, assim como em Rabelais, os excrementos não têm uma significação só banal, de pura necessidade fisiológica, como vemos usualmente. Eles eram considerados “comme un élément essentiel dans la vie du corps et de la terre, dans la lutte entre la vie et la mort, ils contribuaient à la sensation aiguë qu’avait l’homme de sa matérialité, de sa corporalité, indissolublement liées à la vie de la terre”.⁽¹⁰⁾

Em *Macunaíma*, Mário de Andrade utiliza, ainda, a imagem do ventre, das entranhas, fazendo referência às tripas, no Capítulo I, a propósito de uma caça conseguida pelo personagem. Jiguê “quando foi pra repartir não deu nem um pedaço de carne pra Macunaíma, só tripas”.

As tripas também figuram na obra de Rabelais, bem como na literatura do realismo grotesco de modo geral.

As tripas representam o ventre, as entranhas, o seio materno, a vida. As tripas engolem e devoram, além de estarem ligadas aos excrementos, à morte, ao abate.

Com a idéia de tripas, o grotesco liga vida, morte, nascimento, necessidades naturais e alimento. Ademais, é o centro da topografia corporal, lugar onde o alto e o baixo permutam.

Dentro do aspecto relativo ao corpo, podemos falar da “anatomia carnavalesca”, com as partes de um corpo separado em partes.

No livro examinado, “O herói picado em vinte vezes trinta torresminhos bubuiava na polenta fervendo. Maanape catou os pedacinhos e os ossos e estendeu tudo no cimento pra refrescar. Quando esfriaram a sarará Cambgique derramou por cima o sangue sugado. Então Maanape embrulhou todos os pedacinhos sangrando em folhas de bananeira, jogou o embrulho num sapiquá e tocou pra pensão”.⁽¹¹⁾

No Capítulo XVII (“Ursa Maior”) há uma enumeração das partes do corpo. “Estava sangrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedões, sem os cocos-da-baía, sem orelhas, sem nariz, sem nenhum dos seus tesouros”.⁽¹²⁾

As enumerações desse tipo foram muito utilizadas na literatura carnalizada do Renascimento.

Macunaíma morre duas vezes, de forma grotesca – uma vez flechado, outra vez por ter



Dina Sfat fez o papel de Ci em Macunaíma. No filme, ela é a paródia da mulher moderna, livre, guerreira e cheia de energia.

amassado seus testículos – e é ressuscitado graças a seu irmão Maanape que é feiticeiro (numa combinação do fantástico livre, cf. menipéia), o que nos lembra a figura do médico como uma imagem de Deus.

Segundo Hipócrates, a Medicina é comparada a um combate e farsa desempenhada por três personagens: o doente, o médico e a doença.

Na festa popular era comum a presença de curandeiros que ofereciam poções mágicas para todo tipo de situação aflitiva.

Faz parte, também, da festa popular a presença de cenas de batalha, golpes, destronamento, imagens de jogo, profecias e adivinhações.

Em *Macunaíma* há a luta entre o herói e seu antagonista (Piaimã) e toda espécie de golpes arditos, visando ao destronamento (metaforicamente falando) do Gigante, possuidor da muiraquitã.

O próprio Macunaíma é saudado como Imperador do Mato-Virgem, por sua ligação com Ci, merecendo um séquito tropical e carnalizado de “jandaías, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios(...)”.

Este séquito deixa-o, quando o herói chega a São Paulo, a cidade da máquina, sendo então destronado.

Dentre os componentes desse séquito, jocosamente constituído de pássaros, há muitos papagaios que só repetem o que lhes ensinam, numa paródia dos verdadeiros séquitos reais, que só usam a linguagem da paráfrase, o endosso da ideologia.

A presença do jogo é encontrada no Capítulo XII, quando Macunaíma joga no bicho e acerta na centena, com auxílio do palpite de seu irmão

(10) BAKHTIN, Mikhail, *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*, p. 224.

(11) ANDRADI, Mário de, *Macunaíma*, p. 43.

(12) *Idem, ibidem*, p. 143.

feiticeiro (solução mágica para situação real aflitiva). Os símbolos do jogo sempre fizeram parte do sistema metafórico da simbologia carnavalesca.

Outra influência constatada é a das adivinhações bem carnavalizadas. Vejamos:

“Vou dizer três adivinhas, si você descobre, te deixo fugir. O que é que é: é comprido, roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gosto da gente e não é palavra indecente?

- Ah! Isso é indecência sim!

- Bobo! é macarrão.

- Ahn... é mesmo! Engraçado, não?

- Agora o que é que é: qual o lugar onde as mulheres têm cabelos mais crespinho?

- Oh, que bom! Isso eu sei! é aí!

- Cachorro! É na África, sabe!

- Me mostra, por favor!

- Agora é a última vez. Diga o que que é:

Mano vamos fazer

Aquilo que Deus consente.

Ajuntar pêlo com pêlo,

Deixar o pelado dentro.

E Macunaíma:

- Ara! Também isso quem não sabe! Mas cá pra nós que ninguém nos ouça, você é bem sem vergonha, dona!

- Descobriu. Não é dormir ajuntando os pêlos das pestanas e deixando o olho pelado dentro que você está imaginando.”⁽¹³⁾

A malícia, o duplo sentido está presente em todas as adivinhações.

A mistura do texto em prosa e verso (como se vê em inúmeras passagens da obra) é uma característica advinda da menipéia, assim como as cenas de escândalos, de comportamentos excêntricos, de discursos e declarações inoportunas, que destroem a integridade épica e trágica do submundo.

No Capítulo XI, vemos um estudante que sobe na capota de um carro para fazer um discurso de retórica balofa e inoportuna, provocando os maiores mal-entendidos e o comportamento excêntrico de uma prostituta que reclama por ter sido bolinada. Temos, aí, um verdadeiro oximoro: a cortês virtuosa.

A passagem é a seguinte:

“Uma madalena que estava na frente do herói, virou pro comerciante atrás dele e zangou:

- Não bolina, senvergonha!

O herói estava cego de raiva, pensou que era com ele e:

- Que “não bolina” agora! não estou bolinando ninguém, sua lambisgoia!”⁽¹⁴⁾

A descompostura, segundo Bakhtin, contribui para o adensamento do clima carnavalesco.

Macunaíma se sente injuriado, ainda mais, porque o povo presente grita: “Lincha o bolina! Pau nele!”

Rabelais vê, em cada injuriado, um ex-rei ou um pretendente ao trono. Assim, pois, as pancadas e as injúrias não têm um caráter particular e cotidiano. Elas são, sim, atos simbólicos dirigidos contra a autoridade suprema, como por exemplo, contra um rei.

Faz parte dos ritos secundários do carnaval a mudança de traje, o travestimento. Já o homem medieval apresentava duas vidas: a oficial, sombria, plena de medo, de dogmatismos, de devoção e piedade, e a público-carnavalesca, livre, profana.

Macunaíma se traveste de “francesa” para tentar reaver a muiraquitã, tentando seduzir o gigante Piaimã.

A figura do gigante, assim como de anões, tolos, monstros, etc., é parte integrante da história do riso.

A imagem grotesca acentua partes do corpo e permite a associação de elementos heterogêneos. O aspecto essencial do grotesco é o disforme de que temos exemplo vivo em Mianiquê-Teibê, no Capítulo VIII de *Macunaíma*. Ele “Respirava com os dedos, escutava pelo umbigo e tinha os olhos no lugar das mamicas. A boca era duas bocas e estavam escondidas na dobra interior dos dedos dos pés”.⁽¹⁵⁾

Lembremos, aqui, o papel dos gigantes na festa



(13) *Idem, ibidem*, pp. 47-8.

(14) *Idem, ibidem*, pp. 92-3.

(15) *Idem, ibidem*, p. 69.

popular, conforme ressalta Bakhtin: “Le géant était le personnage habituel du répertoire forain (...) Mais il était aussi une figure obligatoire des processions de carnaval ou de la fête du Corps Dieu, etc; à la fin du Moyen Age, de nombreuses villes possédaient à côté des ‘buffons de la cité’ des ‘géants de la cité’ et même une famille de géants appointés par la municipalité et tenus de participer à toutes les processions au cours des diverses fêtes populaires. (...)⁽¹⁶⁾”



O ator Paulo José aparece no filme travestido como a mãe branca de Macunaíma preto. Nas transformações mágicas de preto para branco, Macunaíma torna-se racista e gera com uma mãe branca um filho negro.

No caso de Mário de Andrade, a cidade do gigante é São Paulo, por si só uma cidade gigante.

Digno de nota é o fato de o gigante Piaimã ser capaz de realizar ações sobre-humanas (“Piaimã arrancou da terra com raiz e tudo uma palmeira injá e nem deixou sinal no chão.”)⁽¹⁷⁾ e o herói – Macunaíma – não.

Na épica tradicional, o herói é capaz de realizar tais ações. Macunaíma tenta, mas não consegue: “Então saiu da cidade e foi no mato Fulano experimentar força. Campeou légua e meia e afinal enxergou uma peroba sem fim. Enfiou o braço na sapopemba e deu um puxão pra ver si arrancava o pau mas só o vento sacudia a folhagem na altura porém. ‘Inda não tenho bastante força não’, Macunaíma refletiu.”⁽¹⁸⁾

O fato é nitidamente carnalizado, como se vê.

O gigante Piaimã forma, com sua mulher Ceiuci, um par grotesco. “O gigante estava aí com a companheira, uma caapora velha sempre cachimbando que se chamava Ceiuci e era muito gulosa.”⁽¹⁹⁾

A referência à gula de Ceiuci, bem como ao apetite invejável de Macunaíma, que devora as frutas da árvore Dzalaúra-legue, e à voracidade de Piaimã, que devora “guaribas jaós mutum-de-vagem mutum-de-fava mutuporanga urus urumutum”⁽²⁰⁾, sopa, jacarezada e polenta são significativas da abundância material, da comilança, da liberdade, como nas saturnais romanas, em que encarnavam a volta à idade de ouro, como ressalta Bakhtin.

A referência à bebida não é esquecida. Macunaíma bebe uísque (Cap. V) e pinga (Cap.

VII) em grande quantidade.

Há um verdadeiro desbordamento dionisíaco.

Como vimos, a descompostura e o xingamento contribuem para adensar o clima carnavalesco, o que se encontra em *O Idiota* de Dostoiévski e em *Macunaíma*.

O personagem principal deste último coleciona palavras feias, xinga a mãe do gigante (Cap. V), o próprio Piaimã (Cap. XI), utilizando-se até da língua do pé.

Devemos lembrar, também, que Mário de Andrade toma a imagem da boca aberta, encontrada em Rabelais.

Diz Bakhtin a esse respeito:... “la bouche bée joue (...) un rôle majeur. Elle est, bien entendu, reliée au ‘bas’ corporel topographique: la bouche est la porte ouverte qui conduit au bas, aux enfers corporels. L’image de l’absorption et de la déglutition, image ambivalente très ancienne de la mort et de la destruction, est liée à la bouche grande ouverte. De plus, de nombreuses images de banquet sont rattachées dans le même temps à la bouche grande ouverte (...)”⁽²¹⁾

Mário de Andrade carnaliza ainda mais o tema, colocando um cesto com a boca aberta:

“Tirou a francesa da armadilha e berrou pro cesto:

– Abra a boca, cesto, abra a vossa grande boca!

O cesto abriu a boca e o gigante despejou o herói nele. O cesto fechou a boca outra vez, Piaimã carregou-o e voltou.”⁽²²⁾

Outros recursos retirados do carnaval da praça

(16) BAKHTIN, Mikhail, *L’oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*, p. 340.

(17) ANDRADE, Mário de, *Macunaíma*, p. 51.

(18) *Idem, ibidem*, p. 55.

(19) *Idem, ibidem*, p. 43.

(20) *Idem, ibidem*, p. 40.

(21) BAKHTIN, Mikhail, *L’oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*, p. 223.

(22) ANDRADE, Mário de, *Macunaíma*, p. 48.



pública são: o tratamento “tu”, o emprego do diminutivo e os apelidos, detectados no exemplo a seguir:

“ – Maanape, meu neto, deixa de conversa! Atira a gente que eu caçei que sinão te mato, velho safadinho.”⁽²³⁾

Mário de Andrade se vale muito também do recurso paródico de alcance lingüístico, de larga tradição, remontando à junção da Antigüidade e da Idade Média, como se pode sentir em Vergilius Maro Grammaticus, onde todas as categorias gramaticais são transpostas para o plano material e corporal.

Macunaíma fala uma língua impura, contrastante com a fala pura dos letrados ou candidatos a letrados (o estudante, o advogado, o mulato da maior mulataria).

Macunaíma ressalta diversas vezes a existência das duas línguas da terra. Ele, todavia, faz uso do vocabulário familiar e da praça pública, o que não o impede de vir a escrever a célebre Carta pras Icamias (Cap. XI) – paródia dentro da paródia – num português mais clássico, demonstrando uma adesão aos valores da cidade grande. A Carta funciona como uma paródia à prestação de contas dos cronistas, desmistificando a Carta de Caminha. Macunaíma a escreve para pedir dinheiro.

No texto ele carnavaliza a erudição de fachada (que leva a confundir versículos com testículos e fesceninas com femininas, etc.), o saber ornamental (citações em latim, francês, indicação de pronúncia do nome de Freud) e a retórica bacharelesca (plena de palavras de pouco uso: mavórtica, epitalâmio, galiparlas, locustas, nintente armento, etc.).

Assim como Rabelais em *Pantagruel*, Mário de Andrade, em *Macunaíma*, dá uma imagem significativa da língua dos latinizantes.

Ao fazer a paródia da língua – forma de manifestação de poder – ele assume uma postura injuriosa e destronante.

Macunaíma se apresenta como cínico, obsceno e empregando termos grosseiros, tudo intimamente ligado à vida da praça pública, no dizer de Bakhtin.

“Le cynisme de Rabelais est essentiellement lié à la place publique de la ville, au champ de foire, à la place du carnaval de la fin du Moyen Age et de la Renaissance. D’autre part, il ne s’agit pas de la

joie individuelle d’un gamin sorti d’une chaumière enfumée, mais de la joie collective de la foule populaire sur la place publique de la ville.”⁽²⁴⁾

Macunaíma é cínico desde o Capítulo I do livro.

No Capítulo V, bem expressiva é a seguinte passagem: “O herói ferrado do sono. Então a Mãe do Mato pegava na txara e cotucava o companheiro. Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas estorcegando de cócegas.

– Faz isso não oferecida!

– Faço!

– Deixa a gente dormir, seu bem...

– Vamos brincar.

– Ai! Que preguiça!...

E brincavam mais outra vez.

Porém nos dias de muito pajuari bebido, Ci encontrava o Imperador do Mato-Virgem largado por aí num porre mãe. Iam brincar e o herói esquecia no meio.

– Então, herói!

– Então o que!

– Você não continua?

– Continua o que!

– Pois, meus pecados, a gente está brincando e você pára no meio!

– Ai! Que preguiça...”⁽²⁵⁾

Como exemplos de obscenidades e elementos grosseiros servem aqueles dados a propósito das adivinhações e do caso do puíto.

As grosserias, como as imprecações, injúrias e juras funcionam como o lado reverso dos elogios da praça pública.

Macunaíma jura e não cumpre a promessa, numa violação flagrante aos princípios éticos, sérios. No Capítulo VIII, o personagem jura pela memória da mãe de que não “brincará” com nenhuma outra cunhã, para merecer a filha de Vei, a Sol, e não mantém a palavra. Prevalece nele o lado jocoso (“– Pois que fogo devore tudo! Macunaíma exclamou. Não sou frouxo agora pra mulher me fazer mal!”).

Na época de Rabelais, “Les jurons étaient un élément non officiel du langage. Ils étaient bel et bien interdits, combattus par deux sortes d’adversaires: d’une part l’Eglise et L’Etat, d’autre part les humoristes de cabinet.”⁽²⁶⁾

A linguagem familiar geralmente é plena de juras.

(23) *Idem, ibidem*, p. 40.

(24) BAKHTIN, Mikhail, *obra citada*, p. 149.

(25) ANDRADE, Mário de, *Macunaíma*, pp. 22-3.

(26) *Idem, ibidem*, p. 55.

(27) BAKHTIN, Mikhail, *obra citada*, p. 191.

As mulheres são apresentadas em *Macunaíma* dentro da tradição do cristianismo medieval, como encarnação do pecado, dando margem à tentação da carne, à qual o personagem não resiste, mas também estão presas à tradição cômica popular em que a mulher rebaixa, aproxima-se da terra, da morte, embora seja, antes de tudo, o princípio da vida, o ventre. Há, pois, uma ambivalência na imagem da mulher.

“Dans la ‘tradition gauloise’, la femme est la tombe corporelle de l’homme (mari, amant, prétendant), une sorte d’injure incarnée, personnifiée, obscène, décernée à toutes les prétentions abstraites, à tout ce qui est limité, achevé, épuisé, tout prêt. C’est un inépuisable vaisseau de fécondation qui voue à la mort tout ce qui est vieux et achevé.”⁽²⁷⁾

Dentro da tradição gaulesa se desenvolve, ainda, o tema da traição que vemos em *Macunaíma*, também, com Sofará e Iriqui. O marido traído, no caso Jiguê, fica reduzido ao papel do rei destronado do carnaval. A mulher, segundo essa mesma tradição, é apresentada de forma ambivalente, mas não hostil ou negativa.

Uma outra particularidade do estilo de Rabelais, e que foi tomada por Mário de Andrade, é a utilização carnavalesca das cifras.

Bakhtin afirma que a literatura da Antigüidade e da Idade Média fazia o uso simbólico, metafísico e místico da cifra. Toda cifra era sagrada. “Les chiffres sacrés étaient placés à la base des compositions artistiques, y compris des oeuvres littéraires. Rappelons Dante, chez qui les chiffres sacrés déterminent non seulement la construction de tout l’univers, mais aussi la composition des poèmes. (...) Rabelais ôte aux chiffres leurs oripeaux sacrés et symboliques, il les détrône. *Il profane le chiffre*. C’est une profanation non pas nihiliste, mais joyeuse et carnavalesque, qui le régénère et le rénove.”⁽²⁸⁾

Rabelais usa as cifras de forma hiperbólica e grotesca. Mário de Andrade, em *Macunaíma*, afóra a medida “légua e meia” (que se traduz nas mais variadas cifras), usa no Capítulo V:

“Desses tesouros Macunaíma apartou pra via-

gem nada menos de quarenta vezes quarenta milhões de bagos de cacau, a moeda tradicional.”⁽²⁹⁾

“O herói picado em vinte vezes trinta torresminhos” (...) ⁽³⁰⁾

No Capítulo XI, “Macunaíma jogou toda a coleção de bocagens e eram dez mil vezes dez mil bocagens”.⁽³¹⁾

Os exemplos dados já bastam para confirmar a assertiva acima feita. Concluímos estas apreciações, lembrando os deslocamentos hiperbólicos e carnalizados de *Macunaíma*, como vemos no Capítulo VI, quando ao enfrentar Piaimã “o herói teve medo e desembestou numa chispada mãe parque adentro. O cachorro correu atrás. Correram, correram. Passaram lá rente à Ponta do Colabouço, to-

maram rumo do Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá,

Macunaíma passou um

pouco folgado e

teve tempo de co-

mer uma dúzia de

manga-jasmim que nas-

ceu do corpo de dona

Sancha, dizem. Rumaram pra

sudoeste e nas alturas de

Barbacena o fugitivo avistou

uma vaca no alto duma ladeira

calçada com pedras pontu-

das.(...) Adiante da cidade de

Serra no Espírito Santo quase

arrebentou a cabeça numa

pedra com muitas pinturas es-

culpadas que não se entendia.

Decerto era dinheiro enterra-

do... Porém Macunaíma estava com pressa

e fechou pras barrancas da ilha do Bananal”.⁽³²⁾

O campo cômico-sério entra em oposição ao gênero épico (sério), onde o herói se desloca em batalhas, mas não em fuga medrosa. O fantástico e os comportamentos excêntricos também fazem parte da menipéia.

Interessante, ainda, é a viagem feita por Macunaíma do mato para a metrópole. Silviano Santiago diz que isto representa um périplo da descoberta do Brasil, às avessas.

Chegamos à conclusão de que Macunaíma se encontra situado dentro da melhor tradição da história do riso, cujos dados foram minuciosamente levantados por M. Bakhtin.

Trata-se de uma paródia carnavalesca, distanciada da paródia moderna negativa e formal. Aliás, a negação pura e simples é, em geral, estranha à cultura popular.

No autor satírico há, de hábito, o riso negativo. O autor se colocando de fora do objeto de sua gozação.



(27) *Idem, ibidem*, p. 240.

(28) *Idem, ibidem*, pp. 459-60.

(29) ANDRADE, Mário de, *Macunaíma*, p. 33.

(30) *Idem, ibidem*, p. 43.

(31) *Idem, ibidem*, p. 94.

(32) *Idem, ibidem*, p. 51.

Como Rabelais, Mário de Andrade retira o avesso do sério limitado e ditado pelas classes dominantes, atingindo, inclusive, aquilo que há de mais rígido: a sintaxe tradicional.

O autor utiliza a palavra popular, a expressão alegre, livre e lúcida, o vocabulário da praça pública.

Mário de Andrade, por várias vezes em sua rapsódia, faz referência às “duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito”. O fato de haver duas línguas marca a existência de duas concepções do mundo.

Bakhtin afirma “que la frontière qui partageait les deux cultures: populaire et officielle, passait directement, dans une de ses parties, par la ligne de partage des deux langues: langue vulgaire et latin^(*). La langue populaire, englobant toutes, les sphères de l'idéologie et évicant de ce domaine le latin, véhiculait les points de vue nouveaux, les formes nouvelles de pensée (la même ambivalence), les appréciations nouvelles. Car cette langue était celle de la vie, du travail matériel et du quotidien, la langue des genres ‘inférieurs’ (fabliaux, farces, ‘cris de Paris’, etc., dans leur majorité comiques); elle était enfin la langue du libre parler de la place publique (bien entendu, la langue populaire n'était pas unique, elle comprenait les sphères officielles du langage), tandis que le latin était la langue du Moyen Age officiel.”⁽³³⁾

A postura de Mário de Andrade com relação à língua é destronante.

Macunaíma, como Leonardo Pataca, nasce malandro. A malandragem é uma qualidade essencial para ele, em contraste com os pícaros, que se tornam assim em função das dificuldades sofridas.

Antônio Cândido, que viu em Leonardo “o primeiro grande malandro” que entra na novelística brasileira, diz que Mário de Andrade elevou esse

malandro à categoria de símbolo com Macunaíma.

Nosso personagem está liberto de laços estreitos e dogmáticos como vemos nas festas populares.

Segundo José Guilherme Merquior, “a rapsódia marioandradina é um romance arturiano que levou uma tremenda injeção de ambivalência. O gênero herói-cômico subverteu a demanda do graal, no caso, aliás, já sonsamente fálico (a muiraquitã), e não apenas como nos originais do ciclo bretão, conotativamente erótico. Para começar, Mário fez do seu herói o avesso do cavaleiro. Medroso, desleal, lascivo e mentiroso, Macunaíma é mesmo – conforme viu, pensando em Bakhtin e não em Propp. Mário Chamie – um parsifal *carnevalizado*, negativo burlesco do virtuoso peregrino cristão”.⁽³⁴⁾

Não cabem, como podemos ver por tudo que foi exposto, as afirmativas de que *Macunaíma* é um livro infantil ou caótico. Ele é um digno representante de nosso modernismo radical, proponho ao dionísíaco, à carnavalização, bem patente não só em Mário de Andrade como em Oswald de Andrade.

O grande impacto é causado pelo fato de Macunaíma não ser um herói “sério”, “positivo”, dentro dos padrões do modelo de Balzac e Stendhal.

O herói do romance balzaquiano ou stendhaliano tem um caráter definido. Nosso herói, todavia, não tem caráter e ainda “deixa a consciência na ilha de Marapatá”, antes de começar a luta contra Piaimã.

Para entender e sentir *Macunaíma*, é preciso ter em conta, como disse Victor Hugo, “que tudo na criação é humanamente *belo*, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz”.⁽³⁵⁾

“Tem mais não.”

(*) Antes da Renascença, pois esta marcou o fim da dualidade das línguas.

(33) BAKHTIN, M., obra citada, pp. 461-2.

(34) MERQUIOR, José Guilherme: “Macunaíma sem ufanismo”, in *As idéias e as formas*, pp. 265-6.

(35) HUGO, Victor, *Do grotesco e do sublime*. Tradução do “Prefácio de Cromwell”, p.25.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopes. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978 (Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira; ser. C; narrativa; v.1)

ANTÔNIO CÂNDIDO. “Dialética da malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)” in ALMEIDA, Manoel Antônio de, *Memórias de um sargento de milícias*. Edição crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro, Livros

Técnicos e Científicos, 1978. (Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira: Série C; ficção, romance e conto; v. 2)

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*: tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1981.

————— *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*; traduit du russe par André Robel. Paris, Editions Gallimard, 1970.

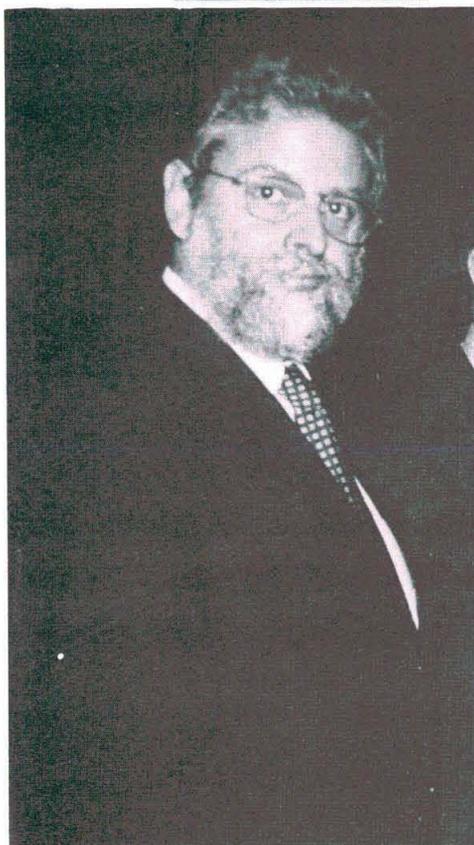
CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia de Macunaíma*. São Paulo, Editora

Perspectiva, 1973.

MERQUIOR, José Guilherme. “Macunaíma sem ufanismo” in *As idéias e as formas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1969. (Coleção Vera Cruz, vol. 128)

HUGO Victor. *Do grotesco e do sublime*. Tradução do “Prefácio de Cromwell”. Tradução e notas de Célia Berretini. São Paulo, Editora Perspectiva s/d. Coleção Elos.



Às vésperas do aniversário de 500 anos do Brasil, a Câmara Legislativa do Distrito Federal prestou sua homenagem à pátria-mãe Portugal. A sessão solene ocorreu no dia 27 de agosto, a pedido do deputado João de Deus (PDT).

O presidente do Instituto Camões da Embaixada de Portugal, Rui Rasquilho (foto), foi o responsável por um dos momentos mais lúdicos do evento. Rasquilho fez de seu discurso uma ode à saga portuguesa, relembrando os 500 anos de história lusitana antes do Descobrimento do Brasil, porque acredita que “a memória de uma nação, com seus acertos e erros, é o que constrói a grandeza de um povo”. Nesta edição, a DF Letras reproduz fragmentos da “viagem” de Rasquilho, feita de improviso, pela história de seu país.

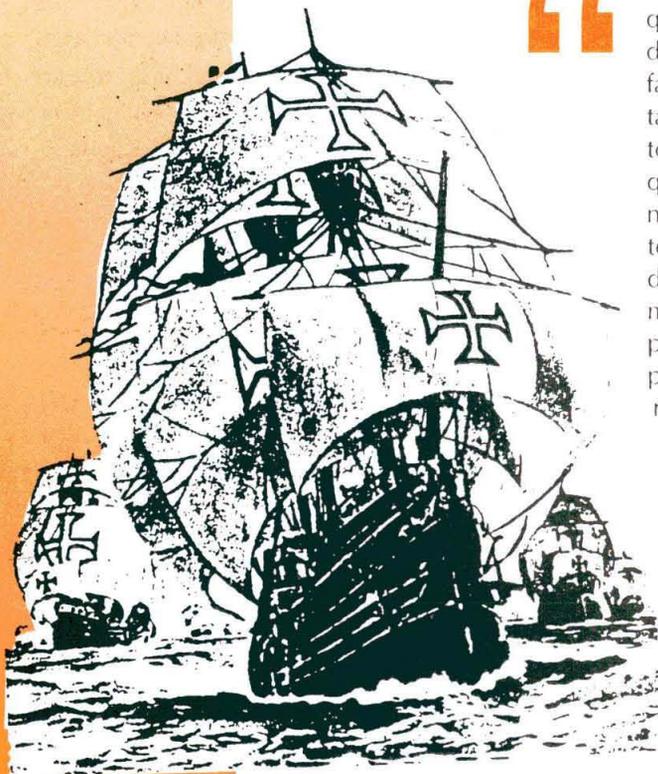
Portugal

antes do Descobrimento

“

Quando fui convidado para vir a esta sessão, foi-me pedido que dissesse também algumas palavras, visto que se tratava de comemorar os 500 anos do Brasil. Pois bem, mas já que se fala tanto do Descobrimento e dos últimos quinhentos anos, talvez valesse a pena dizer algumas palavras sobre os quinhentos anos que precederam o descobrimento deste imenso e querido país, porque são estes porventura os anos menos conhecidos dos brasileiros. Ao falarmos dos quinhentos anos antes da chegada de Cabral, em um país que festeja 5 séculos de história, parece-me interessante lembrar que nós e vós temos em comum a auto-estima: somos povos cujo orgulho pelo passado advém do reconhecimento das nossas próprias falhas, pois sabemos que só assim se constrói com grandeza a história de um Estado. Só aceitando o que de bom e o que de mau, ao longo da história, o povo foi construindo, se forjam as nações. Portugal e Brasil são, por isso, povos capazes de resistir às críticas, “navegando” com segurança no futuro, porque aprenderam a aceitar o passado sem esconder vergonhas ou elogiar grandezas.

Mas quem são os portugueses afinal? Começemos pela geografia. Portugal é um país tão pequeno que, no seu maior comprimento, cabe entre Brasília e Belo Horizonte e que, na sua maior largura, tem pouco mais de trezentos quilômetros. Com uma população que não chegava sequer a um milhão de habitantes, lan-





çou-se no século XV pelos mares afora contribuindo com a sua diáspora para a formação de inúmeros países, onde todos falamos esta língua portuguesa. O português da Península Ibérica, afinal, nasceu como o Brasil nasceu, ou seja, caldeado em várias culturas, construindo nessa mistura de povos e raças uma nação que hoje se apresenta como o mais antigo Estado da Europa com fronteiras definitivas.

Quem já não ouviu falar dos lusitanos? Não são uma lenda como, por vezes, se pensa; os lusitanos foram o povo ibérico que mais reagiu à primeira investida colonizadora do seu território, protagonizada pelos romanos. Estamos ainda a falar de um período anterior ao nascimento de Cristo, muito mais de mil anos atrás, mas é sobretudo nos lusitanos que está a origem remota dos portugueses. É essa bolsa de resistência pré-céltica que depois acabou por ser assimilada pelo Império Romano, do qual herdamos a cultura e a administração, que nos legou o Direito que transmitimos mais tarde ao Brasil, que construiu estradas e pontes, que criou o princípio das divisões administrativas. Foram os romanos quem, no fundo, nos deram, por meio de sua herança grega, as bases fundamentais da democracia. É longa a história como se vê e é bom que por ela saibamos a origem dos nossos valores atuais.

Os povos assimilados pelos romanos ainda não eram obviamente portugueses, eram pré-celtas colonizados por Roma. Depois, o Império Romano, que envolvia todo o Mediterrâneo, posteriormente ao nascimento de Cristo, entre 409 e 416, é invadido pelos povos do Norte, pelos germanos primeiro, os vândalos, os suevos e os alanos. Logo depois os suevos e por último os visigodos se instalam no território ibérico, e pouco a pouco ocupam toda a Península Ibérica. Ainda não havia nesse tempo nem Espanha nem Portugal, mas havia por certo povos a forjarem-se. No século VII, já com os povos do Norte convertidos ao cristianismo mas politicamente desavindos, chegaram os árabes. Tarik, o berbere convertido ao Islão, passa da África para Portugal e, mais uma vez, há uma segunda colonização, que demorou séculos no espaço onde nascerá Portugal e que irá perdurar até 1249. São séculos de uma presença importantíssima de povos vindos do norte da África e da Arábia.

Curiosamente, há muito pouco tempo, na Universidade de Coimbra, ao se fazer um estudo da Aids, os especialistas descobriram algo extraordinário: os portugueses têm, em seu DNA, a "marca" do povo árabe. E os brasileiros deverão, por isso,

juntar à sua herança negra, branca e índia mais esse contributo lusitano, pois tendo sido nós quem chegou primeiro a estas terras ameríndias, fomos nós por certo quem vos legou o DNA árabe. Talvez, algumas destas coisas com as quais especulo expliquem a lhaneza do nosso trato para com outras civilizações e a capacidade antropofágica de sermos capazes de assimilar outras culturas e de as tornar nossas sem nunca as eliminar.

Em 1143, Portugal adquire o estatuto de Reino independente, depois de, durante alguns anos, ser um condado que politicamente se formou em decorrência de problemas internos do Reino de Castela e Leão e dos problemas políticos ibéricos trazidos pela reconquista cristã contra os árabes. Somos, por isso, constituídos culturalmente na vitória do cristianismo contra o islamismo. Há por isso uma dicotomia na Península Ibérica, e em Portugal também; país periférico que se forja justamente como o último elo de uma cristandade que se afirma contra o Islão, o Portugal cristão foi sempre um visceral inimigo dos muçulmanos ao longo de séculos, quando as religiões se impunham pela força das armas.

Acabada a reconquista, 150 anos depois da constituição do Reino em 5 de outubro de 1143, o território adquire a dimensão que hoje tem. Com a paz, inicia-se a colonização (nessa altura, éramos pouco mais de meio milhão de portugueses), ao sul do Tejo. Criamos no século XIV uma das primeiras universidades do mundo, a Universidade de Lisboa, que depois foi transferida para Coimbra. Desenvolvemos a agricultura e lançamos os princípios da marinha mercante e um embrião de armada. As ordens religiosas, aqui, como no resto da Península, preservaram a cultura e a estabilidade política de Portugal. Se não fossem elas, muito da cultura europeia se teria perdido primeiro quando das invasões dos "bárbaros", os quais, nessa altura, eram assim chamados comparativamente ao equilíbrio do Império Romano. Depois, durante o povoamento da Península após a reconquista, criaram-se seguramente as condições para, no início do século XV, iniciar-se a nova expansão marítima.

Na mistura de povos, como se vê, Portugal tem uma história idêntica à do Brasil, só que mais lenta... Claro que a história não se repete, e não há povos puros, por isso a execução dos princípios do nazismo foi uma coisa monstruosa. Aliás, todas as ditaduras são monstruosas, porque habitualmente determinam

Homenagem a Victor Alegria

o “esquecimento” da realidade histórica, porque manipulam os capítulos da História colectiva para depois esmagarem completamente os povos. Todos nós, portugueses e brasileiros, conhecemos ditaduras mais brandas do que essa, mas foram ditaduras, com o arbítrio que o olhar para trás nos assegura. Desculpem-me este desvio. A História é, como se vê, um extraordinário veículo de análise, de contributo para a aceitação dos próprios erros, uma palavra final para com os povos da comunidade de língua portuguesa, alguns dos quais têm ainda tão grandes problemas. Neste espaço lusófono inclui-se o Brasil, porque este é o maior país e o de maior população, onde o idioma português está guardado com a dinâmica da modernidade. Guardar uma língua não é conservá-la dentro de baías; guardar uma língua é saber conservar sua estrutura e inovar permanentemente.

O Brasil, dizia, tem uma particular responsabilidade histórica neste espaço que se estende por todos os continentes. Portugal obviamente também a tem por estar na sua origem, mas

a responsabilidade do Brasil, pela sua dimensão continental, talvez seja maior. Talvez, todos juntos, (em breve seremos oito com Timor), possamos vir a ser uma zona geolinguística de grande importância política no mundo. Se hoje o inglês é importante, é porque por detrás dele está o poder econômico, militar e tecnológico. Também, quando Portugal e Espanha dividiram o mundo pelo Tratado de Tordesilhas, falava-se o português e o espanhol em cada uma das suas áreas de influência colonial comercial. Não fala a América do Sul português e espanhol?

Quem sabe se daqui a alguns anos não serão as línguas portuguesa e espanhola - ambas saídas da Península Ibérica - tão importantes no mundo quanto o é hoje o inglês?

Senhor presidente, Senhores deputados, celebrar os 500 anos do Brasil é também celebrar a língua de Camões, a cultura lusófona e os povos que pelo mundo além falam português.

Muito obrigado.

”



O português Victor Alegria (foto) chegou ao Distrito Federal há 33 anos. Aqui, tornou-se conhecido como livreiro e editor. Em 1965, Alegria criou nas dependências do Hotel Nacional a Livraria Encontro - um pólo irradiador de cultura na nova capital. Era pouco. O lusocandango criou ainda a Editora Thesaurus, que funciona há 18 anos e possui mais de mil livros em seu catálogo, uma média de 60 publicações por ano. Por tudo isso, por ser “um trabalhador da cultura”, como definiu o deputado Geraldo Magela (PT), Victor Alegria recebeu o título de Cidadão

Honorário de Brasília. O título lhe foi conferido no dia 16 de setembro, em Sessão Solene na Câmara Legislativa do Distrito Federal, a pedido do deputado Magela.

A revista DF Letras também saudou o novo Cidadão Honorário, por meio do discurso do vice-presidente da Casa, deputado Gim Argello (PFL). “Há uma razão para que eu fale primeiro em nome de nossa DF Letras. Afinal, o senhor é um homem de cultura, um ser dos livros, das letras, do saber, da criação e de muitas polêmicas. Não é qualquer cidadão que pode carregar o título de editor, e o senhor fez

da sua vida um constante editar de livros”, declarou Argello.

Emocionado, Alegria elogiou a Câmara Legislativa pela revista DF Letras e agradeceu a homenagem. Ele afirmou procurar, em sua trajetória, dar uma lição de vida e cidadania. Mas lembrou que nada pode ser feito sem a cultura e a educação. “Sem o livro como poderemos ter uma nação que possa se debruçar sobre os seus problemas?”, questionou, para pedir, em seguida, que os deputados distritais dêem atenção às livrarias e bibliotecas do DF. “É necessário mais atenção à cultura”, encerrou.



“O Instituto Camões é atualmente uma das mais ativas instituições culturais de Brasília, com programação intensa e de qualidade”

Portugal quer voltar a ser do tamanho do mundo

□ LUIS TURIBA

Às 19 horas do dia 9 de março de 2000 será lançado no salão nobre da Torre de Belém, em Lisboa, um número especial da revista “Camões” totalmente dedicado ao quinto centenário do Descobrimento do Brasil pelos portugueses. Entrevistas, ensaios, poemas, grafismos e fotos interpretarão o encontro das duas culturas ao longo desses 500 anos. Serão 15 mil exemplares distribuídos por 60 países nos cinco continentes do planeta.

A informação é do presidente do Instituto Camões, o historiador Jorge Couto, que esteve no Rio de Janeiro participando do 6º Encontro Internacional de Lusitanistas. O evento trouxe novamente ao Brasil o escritor José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, e reuniu no *campus* da UFRJ cerca de 600 especialistas - professores, escritores, críticos - da cultura lusófona no mundo.

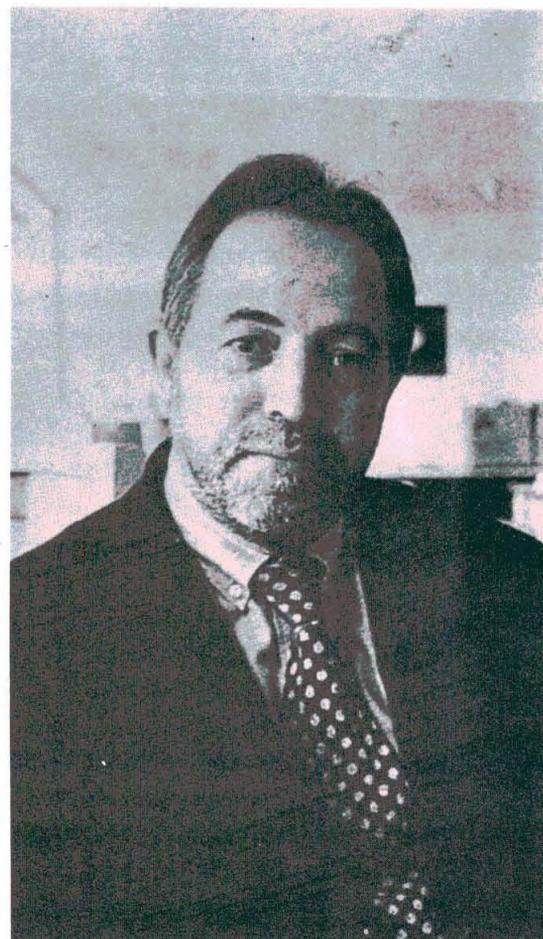
Para a concretização desse encontro, a participação do Instituto Camões foi fundamental. A instituição - uma espécie de Aliança Francesa ou Cultura Inglesa da língua portuguesa - é ligada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, trabalha com recursos consideráveis e tem feito um esforço extraordinário para difundir a cultura lusófona pelo mundo afora. Em Brasília, essa atuação é sentida por intermédio de uma intensa programação cultural da embaixada, liderada pelo conselheiro Rui Rasquilho.

No processo de globalização, Portugal quer voltar a ser do tamanho do mundo, como na época

dos descobrimentos. Jorge Couto afirma que, do Japão à Patagônia, o Instituto tem financiado eventos, exposições, palestras, encontros. A preocupação com a difusão da língua portuguesa tem levado seus dirigentes a realizar cursos, seminários, exposições nas principais cidades do mundo. Até mesmo a revista “Rumos”, editada pela comissão brasileira para a Comemoração do V Centenário do Descobrimento do Brasil tem o apoio decisivo do Instituto português.

Mas toda essa movimentação mundial, que acontece “sob o manto diáfano da palavra lusofonia”, como bem classificou o filósofo e professor português Onésimo Teotónio (ele esteve em Brasília e fez palestra no Instituto), tem sua logística na revista “Camões”, que este mês chegou ao seu quarto número. A “Camões - Letras e Culturas Lusófonas” é ímpar em termos de programação visual, papel, ilustrações, ensaios fotográficos, etc. Com capas refinadas e elegantes, tem sempre mais de 110 páginas - o último número teve 152. As edições trazem cadernos anexos com resumos em espanhol, francês e inglês.

O primeiro número da “Camões” foi dedicado



**Jorge Couto,
Presidente
do Instituto
Camões**

“A língua portuguesa é falada hoje por 200 milhões de habitantes da terra”

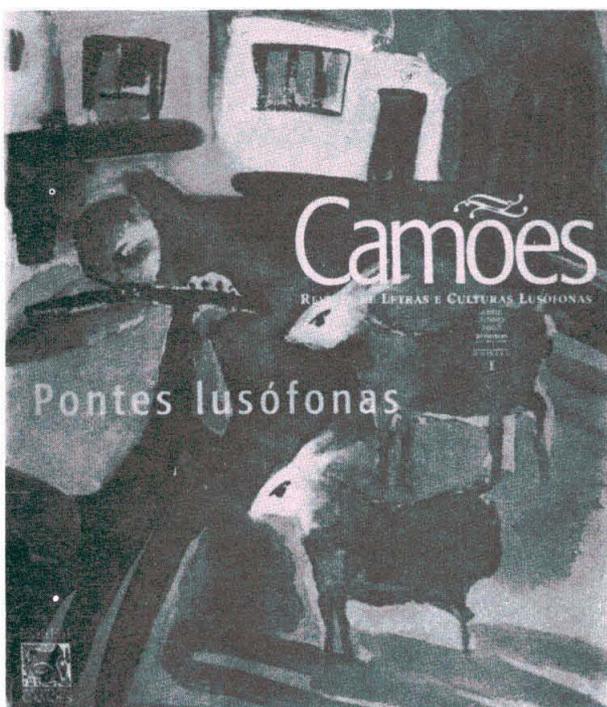
a “Pontes Lusófonas”, com um riquíssimo material sobre “as identidades culturais diversas que se interpretam numa língua comum, o português”. O segundo abordou as literaturas ibero-americanas e há muita poesia de Carlos Drummond de Andrade, Maria Victoria Atencia, Jorge Luís Borges, Octávio Paz, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Julio Cortazar e Gabriel Garcia Marques. O terceiro número saiu sob o impacto do

Prêmio Nobel de Literatura, dado ao escritor José Saramago. São republicados artigos que homenageiam o escritor, de todos os grandes jornais do mundo, entre os quais os brasileiros “O Globo”, “A Folha de São Paulo” e o “Estado de São Paulo”. O quarto número, lançado agora no encontro de lusitanistas, também é totalmente dedicado ao bicentenário do escritor Almeida Garrett, introdutor do Romantismo em Portugal.

Aqui, nesta conversa com o poeta Luis Turiba, Jorge Couto conta o esforço da instituição para manter vivo e coeso o manto diáfano da lusofonia.

No editorial da primeira revista “Camões” o senhor afirma que o principal objetivo do Instituto Camões é a difusão do universo e das culturas lusófonas e também da língua portuguesa pelo mundo. Como isto está acontecendo?

Jorge Couto - Nós estamos trabalhando em diversos planos para atingir esses objetivos. Com relação à língua portuguesa, temos um ambicioso projeto sendo executado nas Américas, na África e também na Europa e na Ásia, no sentido de criar centros de investigação de língua portuguesa para estrangeiros. Tecnicamente chamamos esse programa de PLE - Português, Língua Estrangeira. Estamos a efetuar esse investimento em diversas



universidades africanas, também na Argentina, no México, nos Estados Unidos, no Canadá e em muitos outros grandes centros universitários europeus. Em segundo lugar, posso sublinhar também o investimento que estamos fazendo no âmbito da investigação lingüística e na tradução automática do português através de programa específico. Junto à União Européia (UE), estamos a desenvolver diversos programas do ensino da língua e também de

investigação da cultura lusófona através da Internet.

A língua portuguesa vive um momento especial de reencontros como, por exemplo, esse congresso internacional de lusitanistas no Rio, onde todos demonstram uma preocupação com a situação política e existencial de Timor Leste. Portugal quer voltar a ser do tamanho do mundo, como foi na época das descobertas?

Acho que há muito de verdade naquilo que acabas de afirmar. Há de fato uma pujança no crescimento da língua portuguesa, hoje falada por cerca de 200 milhões de habitantes nos quatro continentes, já suplantando inclusive a língua francesa. Há também um significativo interesse pelo aprendizado do idioma português nesses continentes. Paralelamente a tudo isso, há uma grande criatividade por parte das culturas lusófonas nos países que se exprimem em português, quer na América, como o Brasil; ou na Europa, como Portugal; em África e em certas regiões da Ásia. Observamos hoje que, no campo da literatura, das artes plásticas, do cinema, já há um domínio dos criadores lusófonos, brasileiros, portugueses e africanos. Eles estão ganhando espaço e respeito, posições e notoriedade, significativamente no mundo mais techedo à diversidade multicultural, como é o caso do mundo anglo-saxônico.

“Apostamos na biodiversidade do mundo natural e também na pluralidade das línguas”

Como acontece essa relação cultural de Portugal com suas ex-colônias no mundo? É uma via de duas mãos, ou seja: ao mesmo tempo que Portugal exporta sua cultura, também absorve as culturas lusófonas brasileira, africana e asiática?

O essencial é que a matriz portuguesa, devido aos condicionamentos históricos, acabou por se miscigenar biológica e culturalmente com outras civilizações, fossem elas africanas, americanas ou asiáticas. Essa matriz terminou dando origem a uma multiplicidade de culturas que hoje são cada vez mais pujantes e que na imensa diversidade de seus conjuntos têm um paradigma comum: a utilização da nossa língua, embora com as variedades regionais que são tão naturais em um contexto tão diversificado e pluricontinental.

A revista “Camões” tem uma proposta editorial refinada, tanto na sua essência textual como gráfica. Portugal quer reconquistar o mundo através da beleza?

A revista “Camões” é um produto concebido com muito carinho, com o empenho de uma equipe pequena, mas que acredita fortemente no seu objetivo, que é o de tornar a língua portuguesa e as culturas lusófonas cada vez mais conhecidas em todo o mundo. Uma das conclusões do mundo em que vivemos é que a imagem também conta - e como conta. Ora, se queremos que nossas culturas sejam respeitadas e apreciadas internacionalmente, temos que apresentar o nosso produto também através da qualidade visual. A “Camões” chega aos cinco continentes e a sessenta países com uma tiragem de 15 mil exemplares.

Qual a sua opinião sobre as tentativas de unificação das diversas línguas portuguesas praticadas no mundo atual, quer através de um acordo ortográfico, ou até por iniciativas políticas como a Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP)?

O acordo visa padronizar a

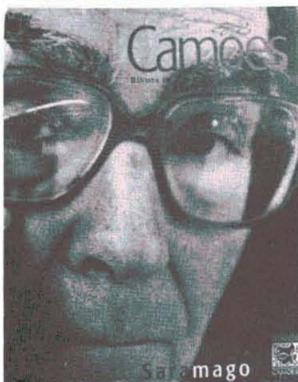
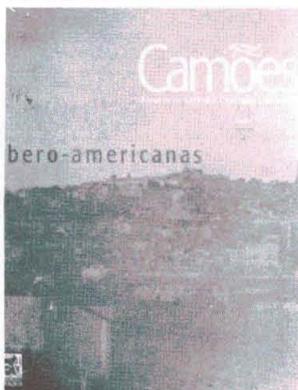
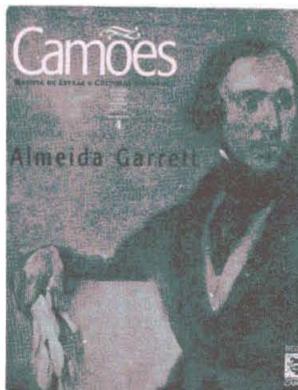
ortografia, mas a língua portuguesa, independentemente de existir ou não o acordo, será sempre extremamente plástica e com isso terá tratamentos próprios de seus falantes na América, na Europa, na África e na Ásia. Por mais acordos sociais que se estabeleçam, a criatividade e a plasticidade da língua portuguesa acabarão sempre por imperar sobre os textos legais. Esta é minha posição pessoal. Naturalmente se o acordo entrar em vigor, nós o subscreveremos integralmente. No entanto, achamos que as leis não modulam as sociedades. Na vida acontece o contrário: é a força da sociedade que acaba por levar à feitura das leis.

Na sua opinião, a língua portuguesa e as culturas lusófonas já estão integradas no processo de globalização do planeta Terra ou correm esse risco?

Estamos a lutar duramente. Como disse o escritor José Saramago, na globalização não travamos somente uma batalha no domínio econômico, mas também no campo cultural e lingüístico. Na globalização se subentende um imperialismo lingüístico, com o domínio do inglês sobre os demais idiomas. Nós, porém, apostamos na biodiversidade do mundo natural e também na pluralidade das línguas e das culturas. Estamos a travar uma batalha dura pela afirmação desses princípios fundamentais.

Atualmente, quais os destaques da cultura brasileira que mais influenciam a cultura lusitana? Fala-se muito que a TV Globo está até modificando o clássico sotaque português...

Há diversos segmentos da cultura brasileira que estão a influenciar decisivamente a cultura portuguesa. Destaco o audiovisual, a informática e o grafismo. Nesses segmentos, os brasileiros são pioneiros dentro do mundo lusófono. Por isso, nota-se uma substancial melhoria dos portugueses influenciados pelos brasileiros.



Brasil 500 anos

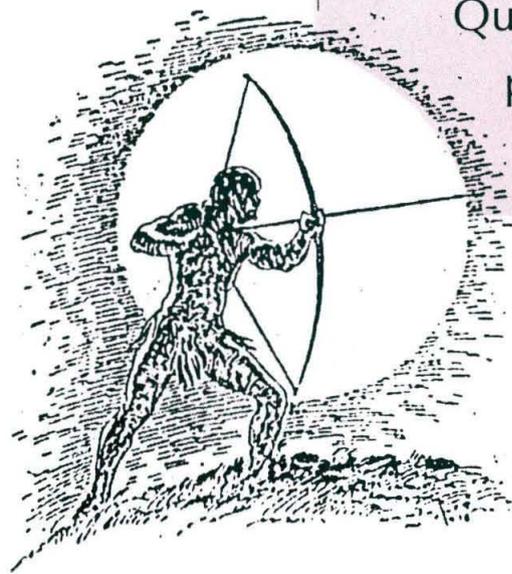
WÁTENO MARQUES DA SILVA

A imprensa escrita e falada desperta a atenção, em apelos constantes para o evento do milênio, e aos 500 anos dedica uma singular celebração, para o País de idealistas, e de futuro esplêndido.

Em meio século há muita história para narrar, do grito "terra à vista" ao granjeio da soberania, e a crença do seu povo aguerrido faz vingar, a vocação dum Brasil pra berço da cidadania.

A extensão territorial é cenário vivo da beleza, que ao mundo excita a cobiça pela riqueza, do seu solo fértil e fonte de preciosidades mil.

Que o novo milênio seja realmente promissor, para esse povo abençoado por Cristo Redentor, porque és idolatrada, ó Pátria amada Brasil.



MIDIOCRACIA

ou

A cultura sitiada

□ RONALDO CAGIANO

podíamos ver no velho Telefunken preto e branco as sutilezas criativas de *Shazan*, *Sherife e Cia.*, do *Sítio do Picapau Amarelo*, de *Vila Sésamo*, dos filmes educativos, do *Capitão Asa* na extinta Tupi, com seriados que nos atraíam pela sobriedade, sem apelações. Hoje, convivemos com a falsa leveza de uma cultura descartável, que

privilegia os estrondosos sucessos econômicos dos bens culturais, em detrimento da real necessidade de capacitação intelectual do homem. Em entrevista ao "Jornal Opção", de Goiânia, o escritor Silviano Santiago é enfático com relação à existência de um gosto globalizado, que é fruto do ímpeto do mercado e por isso mesmo alienante e banalizador.

Pouco antes de morrer, José Paulo Paes, ensaísta, escritor e crítico de nomeada, alertava para esse estágio avassalador, em que a mídia estava a ditar as regras. Chegou a dizer, dentro de sua peculiar lucidez e sem nenhum tom de sofisma, que estaríamos caminhando para uma sociedade de "vidiotas" e "internescios". É uma

constatação inequívoca, tanto mais porque a tevê está aí como uma *baby sitter* moderna, a nossa babá eletrônica, a "educar" nossas crianças pelo viés neoliberal, num tempo em que pais trabalham fora e só encontram a família antes de dormir (e na maioria das vezes já encontra a família na cama). Ives Gandra, jurista e escritor que tem refletido o Brasil sob um prisma ético-jurídico-cristão, vem também enfrentando essa questão em artigos candentes, exigindo



Experimentamos em nosso país um agudo processo de pulverização cultural, um dos tentáculos da globalização, perverso fenômeno que travestiu a economia, as comunicações e o relacionamento internacional com toda sua carga hegemônica e fetichista. Com isso, vem produzindo uma criminosa cauterização das consciências. Forma uma geração atípica, quase amorfa intelectualmente, que não pensa, não age, não vê, não questiona: assimila o processo, como alguém que empurra goela abaixo uma prescrição medicamentosa, convalidado pela necessidade compulsória do alívio. Só que aqui é a destruição de características intrínsecas à pessoa humana, cuja cultura, costumes e valores estão sendo sumariamente sitiados pela nova ordem mundial. Tudo isso vem a reboque do império da mídia, ao mesmo tempo tão sedutor e danoso. Sedutor pelas facilidades da comunicação e rapidez com que nos traz os fatos. Danoso porque acaba por disseminar valores alienígenas, além de facilitar a vulgarização da vida e da morte através de uma programação desarticulada, sem mínimos princípios éticos, estéticos e morais. Não vale a pena dissentir sobre Ratinho, Xuxa, Leão, Gugu, Rodolfo e ET e outras excentricidades do gênero, que é cair no chove-não-molha das dicotomias, das ponderações maniqueístas, da dialética das considerações. Estão aí, a olhos vistos, e a sociedade sabe como se defender deles.

Bons tempos aqueles em que, em nossa não tão remota infância, ainda

uma programação livre desses excessos, opondo-se a essa onda crescente de programas de qualidade bordelesca, que vêm na direção contrária da sustentação dos valores de uma sociedade que pretende alcançar um nível mínimo de civilidade, educação e cultura. Nessa linha de desmantelamento de valores, podemos situar, também, a questão do livro. Há toda uma geração pervertida, de leitores de inutilidades e sensaborias.

Bons tempos aqueles em que nossa formação intelectual tinha início em Monteiro Lobato, em Rubem Braga, em Condessa de Ségur, em Graciliano Ramos, em Cecília Meireles, em Viriato Corrêa ou nos lúdicos textos do velho livro do Programa de Admissão. Hoje a literatura está adstrita a um amontoado de publicações de auto-ajuda, de esoterismo de boutique, de condicionamentos ao lixo literário americano, de *best sellers* de duvidoso mérito estético. Situação que vem impondo aos leitores uma distância de nossa realidade, já tão fragmentada, em outros setores, pela acachapante e hegemônica onda neoliberal. Não se pode esperar muito de uma geração sem massa crítica como a nossa que prefere o *imbroglio* musical reinante, sem identidade e sem propósito (com todas as suas distorções libidinosas) e o pastiche da música *sertanojo* (com suas duplas que mais induzem a uma simbologia sexual a uma genuína musicalidade) e relega a um plano de somenos a arte de Pixinguinha, de Cartola, de Noel, de Adoniram, de Villa Lobos, de João Gilberto, de Pena Branca, de Xavantinho e tantos outros. Não se pode vislumbrar nada além disso que a mídia tem feito: embotamento e degeneração. Um país que lê alquimistas e valquírias suicidas - literatura de encomenda e aluguel, portanto descartável e desniveladora da inteligência -, que se contorce em espasmos orgiásticos diante de Carla Peres, de Tiazinha, essas *madonnas* pasteu-

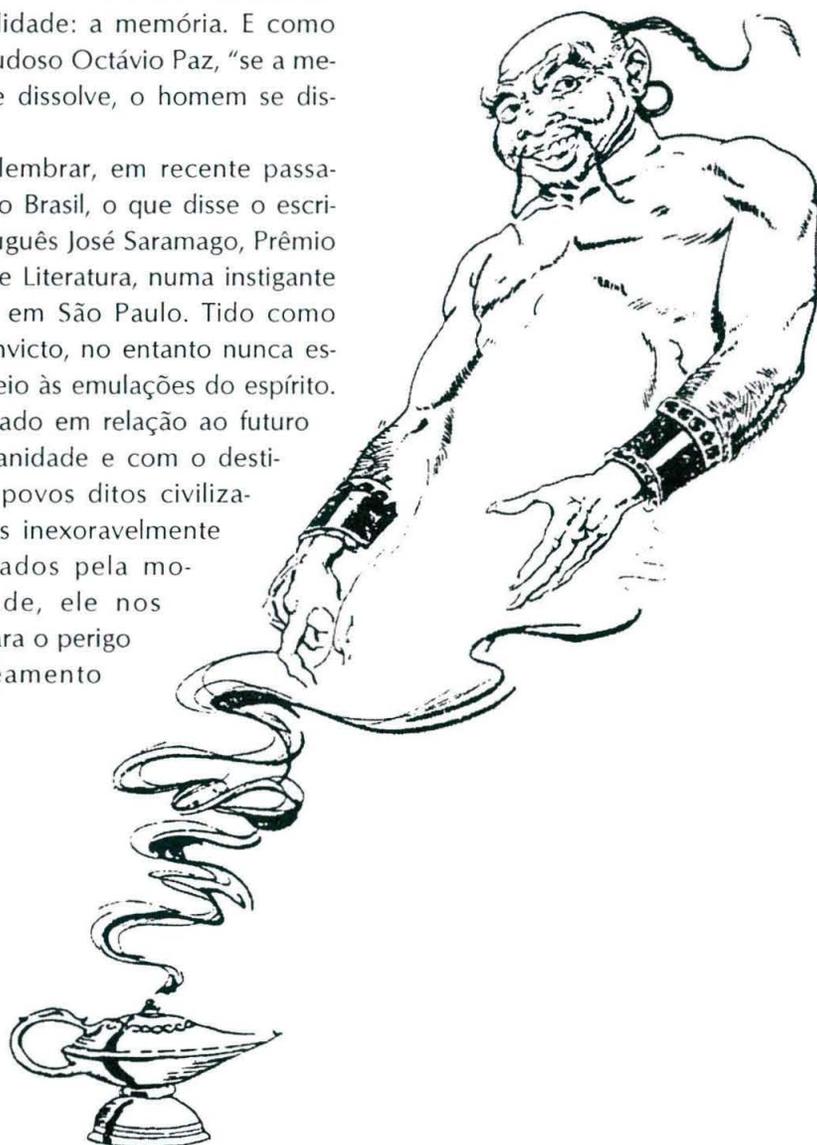
rizadas da arte sem escrúpulos; que considera melodia a pobreza estilística das músicas de rodeios (quando a verdadeira música de raiz, o sertanejo autêntico e sem aparatos tecnológicos e dissimuladores da falta de talento não merece o mesmo destaque), não pode amadurecer como nação.

Tudo parece caminhar para o nível da baixaria e do servilismo às tentações consumistas, conduzindo a uma generalizada mediocrização. O debate produz uma constatação alarmante: querem dar cultura ao povo popularizando por baixo, quando o povo merece o melhor. Essa negligência quanto à melhoria do padrão da informação e da educação deve ser entendida como uma prevaricação cultural, porque, tendo condições de fazer o melhor, dá-se o pior. Estamos perdendo o referencial autêntico da nacionalidade: a memória. E como diz o saudoso Octávio Paz, "se a memória se dissolve, o homem se dissolve".

Vale lembrar, em recente passagem pelo Brasil, o que disse o escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, numa instigante palestra em São Paulo. Tido como ateu convicto, no entanto nunca esteve alheio às emulações do espírito. Preocupado em relação ao futuro da humanidade e com o destino dos povos ditos civilizados, mas inexoravelmente colonizados pela modernidade, ele nos alerta para o perigo do alheamento

de que estamos sendo vítimas: "Estamos esquecendo que a nossa preocupação com o outro é fundamental, pois hoje o mundo está repleto de pessoas amputadas não fisicamente, mas amputadas de alma". Nesse sentido entendemos que o que pulula por aí vem arrastando a cultura, a identidade, o caráter nacional, no clima de oba-oba da mídia e seu condicionamento operante.

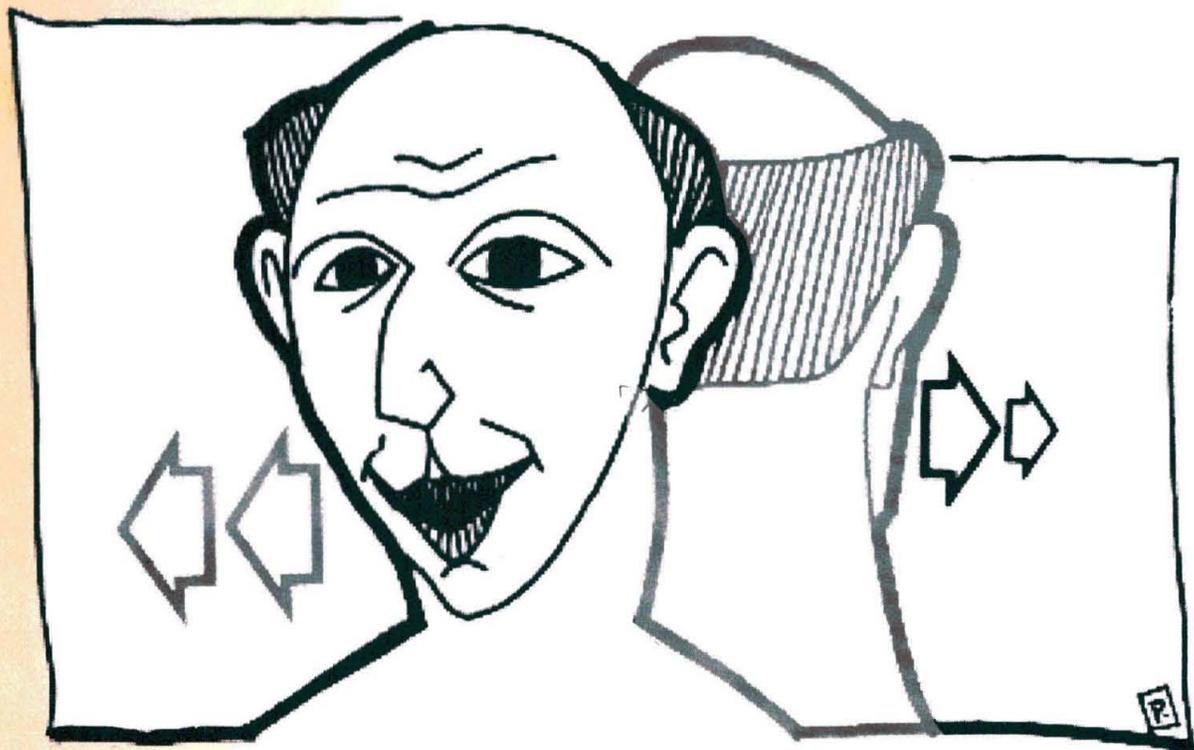
Com toda razão, Cassiano Nunes, ex-professor da Universidade de Brasília e conferencista agudíssimo, vem se opondo a essa onda de inversão (e criminosa invasão) cultural que grassa por aí. E é parafraseando o lúcido mestre santista, que arremata este registro: "Se Paris está lendo Paulo Coelho, eis minha vingança: vou ler Proust em Cataguases!"



Você sabe
o que é

PALÍNDROMO?

□ RÔMULO MARINHO



AURÉLIO

palíndromo. (Do gr. *palíndromos*.) *Adj.* 1. Diz-se de frase ou palavra que, ou se leia da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, tem o mesmo sentido. - V. *verso* - S. *m.* 2. Frase ou verso palíndromo.

Se você não sabe o que é palíndromo, tem duas alternativas de imediato: ir ao dicionário procurar o verbete ou ler estas linhas até o final. De qualquer forma, não se encabule se, por acaso, desconhecer a palavra.

A verdade é que a maioria esmagadora das pessoas a quem fiz essa indagação, dos mais variados níveis intelectuais e sociais, também ignorava o vocábulo. Apenas uma, em cada cem pessoas, se tanto, ousou dizer, soube responder.

Se você, ao contrário, sabe a resposta, ainda assim sugiro que prossiga na leitura, pois farei revelações interessantes sobre o tema.

Vejamos, primeiramente, o que é palíndromo?

Denominam-se assim palavras, frases ou números que

permanecem iguais quando se lê no sentido oposto. São conhecidas, também, como anacíclico ou verso palíndromo.

Não sei se você é uma daquelas pessoas que, pelo menos de quando em vez, por mera curiosidade, costuma reparar que certas palavras e números, lidos inversamente, dá no mesmo, como, por exemplo, anilina e 1001.

Pois bem, são palavras e números assim, com essa característica, que chamamos palíndromo. Estes são naturais, isto é, existem sem que alguém os tenha construído com esse intuito; nasceram quando as palavras foram inventadas.

O objeto primordial desse texto, entretanto, são os palíndromos artificiais, isto é, frases elaboradas com esse propósito. Trata-se de uma curiosidade literária cuja invenção é atribuída ao poeta grego Sótades, que viveu no III século a.C. No Brasil, dá-se o nome de palindromia.

Importante enfatizar, inicialmente, para melhor compreensão do assunto, que nessa raridade lingüística, espaço entre palavras, acentos, cedilhas e sinais gráficos de um modo geral, na leitura oposta, poderão mudar de posição conforme exigência do texto. Na mesma hipótese, letras isoladas poderão ser incorporadas a palavras e estas podem ser divididas em dois ou mais vocábulos e/ou letras.

Eles existem em todos os idiomas.

Em português, ROMA ME TEM AMOR é, comprovadamente, o mais antigo. Foi o único dado como exemplo no verbete palíndromo da edição inaugural (1789) do primeiro dicionário da língua portuguesa publicado no Brasil, organizado por Antônio Morais da Silva. O mais conhecido, porém, segundo alguns autores, seria SOCORRAM-ME, SUBI NO ÔNIBUS EM MARROCOS.

O mais extenso da nossa língua, pelo menos entre os que já vieram a público, é de minha autoria: O GAL. LENO ROCA, À PORTA DA CIDADE, A PORTADOR RELATA FATAL ERRO DA TROPA E DÁ DICA DA TROPA A CORONEL LAGO.

Considero a elaboração de palíndromos uma das mais agradáveis distrações intelectuais.

O exercício habitual dessa curiosidade literária teve sua fase áurea durante a Idade Média. Inspirados vates, como o francês Appolinaire e o inglês Camden, criaram alguns que são portadores de denso lirismo.

Agora que você já sabe a resposta à minha indagação, faça como eu, quando li pela primeira vez a palavra, e duvide das definições dicionarizadas, que dizem se tratar de "frase ou palavra que, ou se leia da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, tem o mesmo sentido" (Aurélio).

Ora, a palavra ou frase palindrômicas, quando lidas a modo árabe, não têm apenas o mesmo sentido. Elas são idênticas. Assim, a definição correta me parece ser: palavra, frase ou número que, lidos da esquerda para direita ou vice-versa, são literalmente iguais.

Os mais conhecidos em todo o mundo são os criados em latim, não obstante essa raridade lingüística ter sido inventada por um poeta grego.

Destaca-se entre os latinos, aliás, o mais antigo de que se tem notícia, com aproximadamente 2.000 anos, envolto em mistério e misticismo, composto de cinco enigmáticas palavras da nossa língua mãe: SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS, cujo significado, se, realmente, tem algum, ainda hoje é muito discutido.

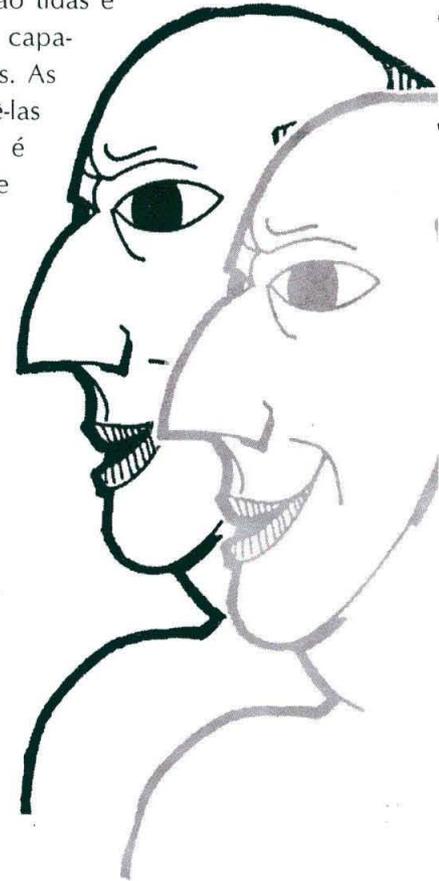
Essas cinco palavras, em algumas regiões do interior do Brasil, são tidas e havidas como milagrosas, capazes de sarar diversos males. As pessoas costumam escrevê-las numa folha de papel, que é costurada num pedaço de pano. Materializada, assim, a superstição — em Minas dá-se o nome de bentinho e, na Bahia, de patoá —, o objeto é pendurado no pescoço do enfermo. Dizem que, para curar picada de cobra, sarampo, catapora, etc., é tiro e queda.

Esse remotíssimo anacíclico latino possui uma característica muito peculiar: dispostas as palavras em linhas, pode ser lido da esquerda para a direita, vice-versa, de cima para baixo e de baixo para cima, que terá sempre a mesma leitura. Assim, além de palíndromo, é um acróstico perfeito. Vejamos:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Essa espécie de palíndromo denomina-se quadrado mágico. Todas as suas traduções, e são muitas, realizadas por intelectuais brasileiros e estrangeiros, suscitaram, e ainda suscitam, intermináveis polêmicas. Eis duas delas: "Arepo, o semeador, segura as rodas durante o trabalho". "Sator, o pastor, tem suas obras encaminhadas".

Segundo o grande filólogo e folclorista brasileiro João Ribeiro, entretanto, as palavras que o compõem, à exceção de TENET, não querem dizer absolutamente nada. São intraduzíveis. Para o mestre patricio, cuja versão considero a mais convincente, a frase seria, apenas, uma es-



pécie de jogo onomástico criado a partir dos nomes dos três Reis Magos. Daí, presumo, a credence popular que se eternizou em torno dessa frase.

Justamente por causa dos mistérios que cercam esse anacíclico, há alguns anos me interessei pelo assunto. Desse momento à criação dos meus, foi só uma questão de tempo. Já estava atacado pelo vírus palindrômico. O primeiro nasceu bem sucinto: A BASE DO TETO DESABA. A partir deste, os demais foram surgindo aos borbotões. Entre os que criei, segundo os leitores, os mais interessantes seriam os seguintes:

- A base do teto desaba.
- A droga do dote é todo da gor-da.
- Laço bacana para panaca bo-çal.
- Seco de raiva, coloco no colo caviar e doces.
- O teu drama é amar dueto.
- O terrível é ele vir reto.
- E até o Papa poeta é.
- Tucano na CUT.
- Reter e rever para prever e reter.
- Ele pode, por acaso, sacar o pé do Pelé?
- Em roda, tropa, após a sopa, à porta dorme.
- Oto come doce seco de mocótó.

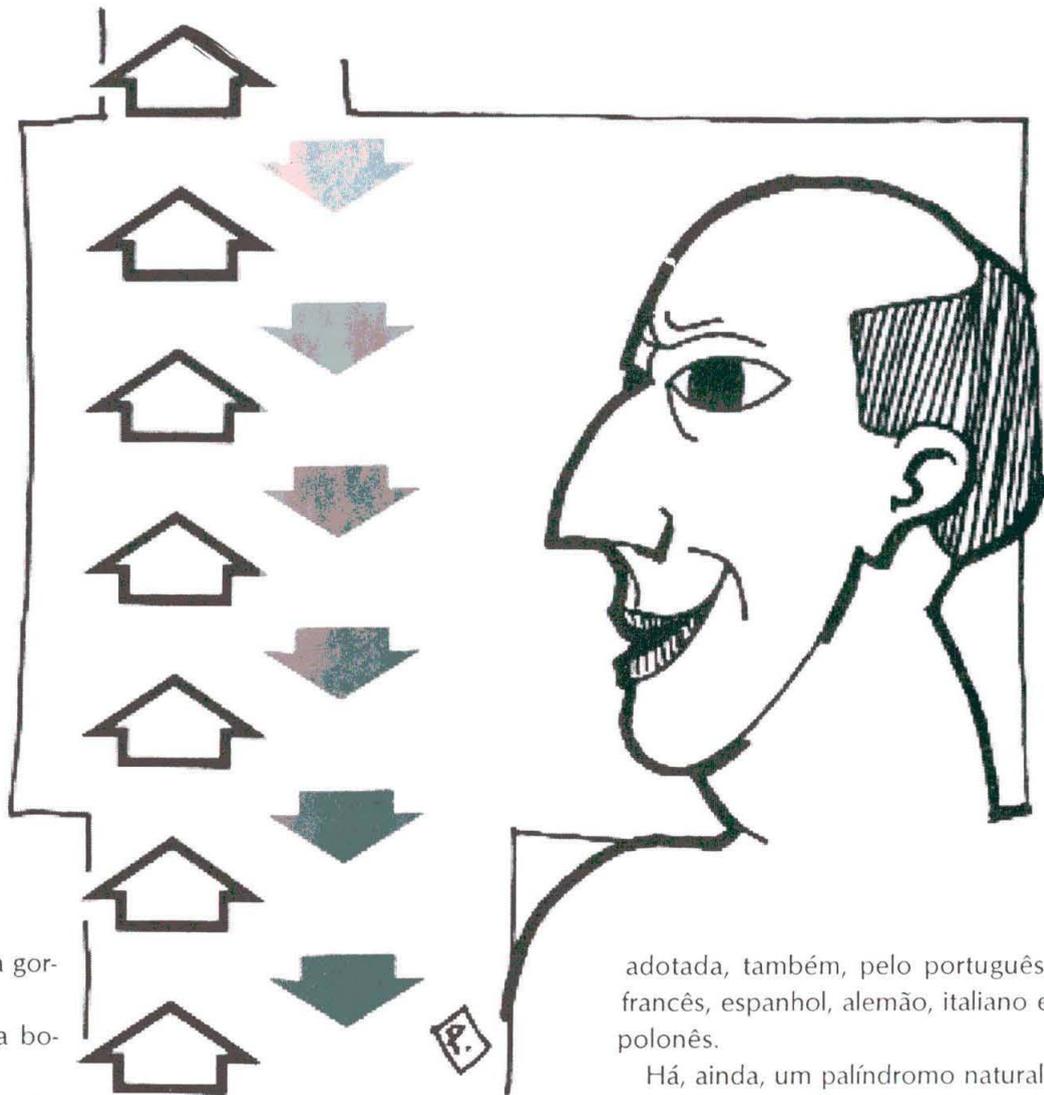
Vejamos, agora, algumas curiosidades que detectei sobre o assunto.

A mais extensa palavra palindrômica da nossa língua é o superlativo de omissão, **OMISSÍSSIMO**, com onze letras. A mais longa de todos os idiomas, porém, com dezenove caracteres, é a finlandesa **SAIPPUA-KIVIKAUPPIAS**, que quer dizer vendedor de soda cáustica.

O verbo da língua portuguesa que contém maior quantidade de tempos palindrômicos é somar: **SOMAMOS**, **SOMÁVAMOS**, **SOMÁRAMOS** e **SOMEMOS**.

Os vocábulo soco e sopapo, além de serem sinônimos, quando no plural, se transformam em palíndromos.

A palavra **RADAR** é palindrômica em, pelo menos, sete idiomas, uma vez que, não obstante formada de quatro termos da língua inglesa (radio detecting and ranging), foi



adotada, também, pelo português, francês, espanhol, alemão, italiano e polonês.

Há, ainda, um palíndromo natural, não obstante a frase, que é pesada

ofensa pessoal. Foi criado por um anônimo, em momento de ira, que, certamente, quando lançou o vitupério, não percebeu estar construindo uma curiosidade literária: **É a mãe!**

IN GIRUM IMUS NOCTE ET CONSUMIMUR IGNI é o anacíclico que considero mais poético, entre todos que li, em cerca de dez idiomas. Foi escrito na Idade Média. Seu autor é o poeta francês Appolinaire, que se inspirou nas mariposas que voavam em torno de sua lanterna. Tradução: **Giramos à noite e somos consumidas pelo fogo.**

O mais politicamente correto, para usar expressão em voga, de autor ignorado, foi produzido em inglês: **CIGAR? TOSS IT IN A CAN, IT IS SO TRAGIC.** Assim se traduz: **Cigarro? Jogue-o no lixo, é muito trágico.**

O mais objetivo, como sói acontecer com as produções germânicas, em todas as áreas do conhecimento, é escrito em alemão: **EIN ESEL LESE NIE.** Tradução: **Um burro não lê.**

No meu livro, revelo inúmeras outras curiosidades sobre o tema, inclusive um telegrama e um poemeto palindrômicos.

Agora que você já sabe o que é palíndromo, tente criar o seu; mas não desista se, eventualmente, nas primeiras tentativas, não conseguir êxito. Verá que é uma desafiadora porém agradável distração intelectual.

Aos orixips e tantansbitates

□ TT CATALÃO

Luzinete, Marinete, Ivonete, Claudinete, Risolete e a mãe da dona Ivete **vivem no sertão das palavras e assim mal comem**, mal falam, mal fornicam e mal se vestem, expatriadas dos domínios da internet.

Mas nem por isso Luzinete, Marinete, Ivonete, Claudinete, Risolete e a mãe da dona Ivete são sub-raça, subumanas, subtraças embora subjugadas sejam;

Nessa condição pária dos que não foram convidados para a bacanal de signos chamada cidade. **O único crime que o Brasil não deveria cometer, além de excluir, é tornar excludente a linguagem da gente.**

Assim tanto significado e tanto significante se perdem no jugo do mercado que só identifica o que se pode vender e que só vê o que se pode comprar. E assim é tanta a insignificância publicada, badalada, incensada, bajulada, malchupada dos “gênios” que só duram três minutos, “obras-primas” que não suportam a semana seguinte, que urge uma nova lente que mais enfoque e menos aumente esse vício **imprensa-cultural de só dar se for produto, e nunca se for processo.**

Bendita seja Brasília, que se ofereceu como caldeirão para os abismos nacionais: ora nos glorificam como mistura sã, ora nos aterrorizam como colônia vã. Ora cilada armada, ora civil cidadã.

Mas só os poetas para reconciliar os brasis. Só a invenção para nos libertar desse lodo de *lobbies* e cascatas mis que *transvanbordam* em palácios e falácias. Mas só poetas que não vivam só para a poesia.

Nessa terra de três dáblios, *WWW*, mais valia a original W-3, que Brasília inaugurou com o primeiro desfile do peão candango e andando - suava pra levantar a capital decapitada por tanta intriga e cisma do país. Até hoje nos cobram esquinhas

DF

CÂMARA LEGISLATIVA

ENCARTE DA DF LETRAS

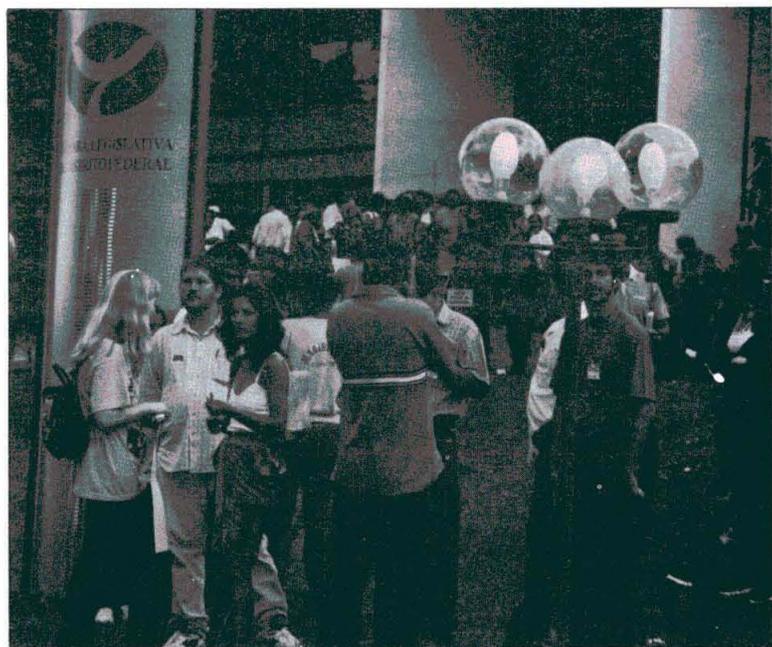
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Ano I nº 07

Câmara

preparada para o

Ano 2000



114

Sessões
Ordinárias

69

Sessões
Extraordinárias

76

Sessões
Solenes

2.112

Proposições

O ano 2000 será histórico para a Câmara Legislativa, pois 1999 não deixou dúvida sobre a potencialidade desta legislatura. Os números são claros. A produtividade em 99 é uma das maiores de sua recente história. Dados computados somente até a primeira semana de novembro revelam que os deputados distritais apresentaram 2.112 proposições. Foram 907 Projetos de Lei Ordinária, 424 Projetos de Lei Complementar, 21 Propostas de Emenda à Lei Orgânica, 30 Projetos de Resolução, 25 Recursos, 59 Indicações e 646 Requerimentos.

O número de sessões realizadas também impressiona. Até agora já foram realizadas 114 sessões ordinárias e 69 sessões extraordinárias. Os deputados também participaram de três comissões gerais e 76 sessões solenes. No período, a Câmara concedeu 268 títulos de Cidadão Honorário de Brasília.

A discussão de temas prioritários para o DF foi uma das marcas do primeiro ano da atual legislatura. A Casa trouxe para seu interior os debates sobre os problemas que mais afligem a população brasiliense.

Foram realizados 14 seminários, que resultaram em inúmeras propostas. As propostas estão sendo analisadas pela Assessoria Legislativa da Casa e muitas delas poderão se transformar em leis a partir do próximo ano.

Anilcéia Machado

PSDB

Estou cada dia mais convencida de que o mandato parlamentar deve ser exercido em função das demandas da população. No próximo ano, espero intensificar os contatos com os eleitores e buscar compreender suas necessidades. Assim, poderei contribuir para melhorar a qualidade de vida em nossa cidade.

Alírio Neto

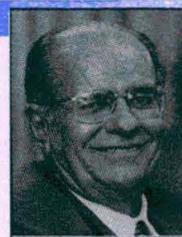
PPS

Temos problemas que carecem de urgente solução como a questão do desemprego e a da violência. Políticos, governantes e sociedade precisam estar irmanados nesse propósito. Muita paz e solidariedade nos corações de todos nós!

Gim Argello

PFL

Os 500 anos do descobrimento do Brasil e os 40 anos da inauguração de Brasília são datas históricas que devem ser comemoradas com muito orgulho, garra e vontade. Meus projetos para o ano 2000 estarão voltados para a valorização da gente brasiliense, com mais emprego, educação e segurança.

César Lacerda

PTB

Continuarei fazendo o que sempre fiz: lutando contra a violência urbana e o desemprego, que são os problemas maiores da nossa sociedade, pois somente desta forma teremos como assegurar melhores dias para a população brasiliense. Desejo que Cristo esteja em todos os corações neste Natal e no próximo milênio.

Daniel Marques

PMDB

Desejo, neste novo milênio que se aproxima, concretizar o sonho de ver instalado em Planaltina o campus avançado da UnB. Espero que o ano 2000 revitalize nossas esperanças e ilumine todos nós para que possamos construir um Distrito Federal de muita paz e prosperidade.

Lucia Carvalho

PT

Vou continuar atuando nas áreas de educação, defesa da mulher, do idoso e do meio ambiente, sem descuidar de outras áreas, para garantir melhores condições de vida a toda a população. Que as mudanças que almejamos cheguem e se consolidem nesta virada do século. Feliz ano 2000!

Adão Xavier

PPB

Quero continuar lutando pelos ideais do nosso povo para que todos tenham moradia, emprego e condições dignas de vida. Pretendo atrair novos investimentos para o Distrito Federal, criando soluções para os principais problemas e ouvindo sempre as reivindicações da população.

Chico Floresta

PT

Projetos relacionados à Agenda 21, como campanhas de conscientização sobre a questão da água, coleta seletiva, ordenamento territorial e moratória dos transgênicos são prioridades em meu mandato.

**Deputado
Rajão**

PSDB



Quero dar continuidade ao trabalho desenvolvido em 99, através das leis aprovadas na Casa; oferecer moradia digna, com a vila militar; educação, com o funcionamento do Colégio Militar; e diminuir o número de carentes, com a Brigada Mirim. Um feliz 2000!

**Wilson
Lima**

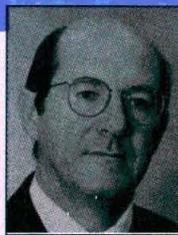
PSD



No próximo ano, pretendo dar especial atenção ao desenvolvimento das satélites, principalmente à vocação econômica de cada uma, para que possam crescer e oferecer mais empregos e renda aos seus moradores. Feliz ano 2000!

**Wasny
de Roure**

PT



Vou continuar lutando por uma Brasília melhor, com mais dignidade e cidadania, defendendo melhores condições de vida para o povo do DF e procurando garantir cada vez mais a participação popular nas decisões dos poderes públicos. Um Ano-Novo com mais fraternidade para todos!

**Sílvio
Linhares**

PMDB



Apopulação de Brasília deverá estar ainda maior na virada do milênio. O seu crescimento acarretará a multiplicação dos problemas a serem resolvidos. Estarei atuante na resolução dos problemas da comunidade.

**João
de Deus**

PDT



No ano 2000, continuarei a defender a cidadania dos policiais militares e bombeiros, os direitos do consumidor e a liberdade de expressão; lutarei para que os cidadãos de bem tenham segurança; e fiscalizarei os atos do governo.

**Maria José -
Maninha**

PT



Pretendo continuar com a fiscalização e a oposição que venho exercendo ao governo Roriz e que este ano contaram com a estrutura da Liderança do PT. Continuarei apresentando projetos que beneficiem os mais diversos setores da população.

**Rodrigo
Rollemberg**

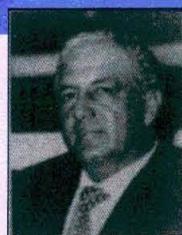
PSB



Nosso gabinete vai aprofundar a implementação de uma política de recursos hídricos no DF e, simultaneamente, buscar o aprimoramento da legislação sobre biossegurança. Aos amigos, um feliz Natal e um 2000 cheio de paz, saúde, alegria, emprego e realizações.

**José
Tatico**

PSC



Venho cobrando do GDF a ligação entre Samambaia, Ceilândia e Santo Antônio do Descoberto. A medida vai reduzir o custo do transporte comercial e resultará em diminuição de preços dos produtos repassados ao consumidor.

Edimar Pireneus



PMDB

Vou continuar trabalhando para que a população do Distrito Federal seja mais saudável, segura e educada. Esta será a meta de minhas ações legislativas em 2000, ano que traz consigo os mais puros desejos de esperança e nova vida.

Jorge Cauhy



PMDB

Meu trabalho parlamentar é direcionado para as causas sociais. Em 2000 quero, com minhas ações legislativas, melhorar o dia-a-dia das pessoas e minorar o sofrimento daqueles que mais necessitam. Desejo paz e esperança a todos na entrada do novo milênio.

Benício Tavares



PTB

Pretendo trabalhar com a regulamentação das leis aprovadas no primeiro e segundo mandatos. Não adianta só criar uma lei, é preciso buscar mecanismos para que ela seja cumprida. A todos, Feliz Natal e um próspero Ano-Novo.

Agrício Braga



Sem Partido

Avalio como positivo o balanço do primeiro ano de minha gestão como deputado. Estou procurando honrar o compromisso de campanha de lutar pelo esporte local, a exemplo da lei da Bolsa Atleta e outros programas esportivos.

Paulo Tadeu



PT

Continuarei a luta para a qual fui eleito, esperando, para o próximo ano, que esta Casa Legislativa se imponha como a Casa do Povo e transforme em leis os verdadeiros desejos e necessidades da população do DF.

Renato Rainha



PL

O sucesso do trabalho de um parlamentar está justamente no contato que ele mantém com a população. Sendo assim, pretendo continuar escutando os anseios do nosso povo para defender seus interesses.

José Edmar



PMDB

Todo cidadão espera, no Ano-Novo, ver seus projetos tornarem-se realidade, conquistar ideais, prosperar, avançar. Na virada do ano 2000 haverá mais esperança no futuro. Espero participar dessa transformação, ajudando os cidadãos a realizarem seus ideais.

Aguinaldo de Jesus



PFL

Quero registrar que vou continuar defendendo os interesses e reivindicações da população do Distrito Federal e do povo de Deus. Aproveito para desejar a todos os meus sinceros votos de um feliz Natal e um Ano-Novo cheio de esperança e muita força para a superação de todas as dificuldades que hão de vir pela frente.

como a Simone do *trottoir* queria um ponto pra rodar sua bolsinha plena de *intelectiaras europarcas*. Cheias de modos e modelos. Mas **nós somos a medula crua do mundo**. Um dia um país sem metas, lhe bastará ser poeta.

Embora internet de pobre continue sendo linha cruzada em orelhão fedido, **não podemos sabotar a força da palavra desta língua**, desta força que nos identifica em tantos sotaques e mais nos identifica na *cosmogonia* portuguesa aqui e no mundo.

Não há como abortarmos a paixão de poeta ao saber-nos depositários da palavra. Todas as mídias serão ferramentas apenas; como um dia, apenas, a pena era mágica ao rabiscar, o cinzel sobre a pedra grafava, o lápis, instrumento, apenas.

Se agora pagamos micros e temos tipos, *alltypes* e *onlines*, faremos tudo com tais ferramentas, mas jamais deixaremos de lado a palavra *ela* em seus elos, elipses e elãs.

E nós, sendo poetas, não percamos a proximidade dos vulgares eruditos presentes na longa tradição popular dos que aqui chegaram entre ferros e seus orixás e aqui semearam sob suor e sangue a *terra brasillis*; **não deixaremos secar vestígios ainda frescos das tribos originais antes destes 500 anos** iniciados com as caras barbudas e velhas das caravelas cheias de cobiças e fogo pelas xotas nativas.

Não cairemos *basbaquiabertos* como cámos um dia quando acenaram com panelas, machados, miçangas, batismos e codinomes. Não perderemos o dom da palavra só pelo puro encanto masturbatório que alguma nova mídia-espelinho desperte.

Beberemos da essência pois na essência está nossa raiz ébria de tantas misturas redentoras. *A diferença nos une, a diferença nos unge...* quando pela palavra aceitamos o gracioso, cotidiano e permanente convite ao conviver que é a poesia feita tanto dos imaginários quanto dos febris operários da palavra, **ela... só ela... nossa língua... esteja pendurada em qual aparato tecnológico esteja...** brote... bruta... sêmen... semeie... sampleie... sempre.

Papo Poesia



*Vamos desarmar o mundo
sou do Bonde da Poesia*

PAPUDENSE

□ LUIS TURIBA

A Poética da Papuda Cultural

O Poeta

O poeta tem na pedra
o alimento

para a sua verve

Manoel Gomes

Existe uma Papuda Cultural – e isto por si só é incrível e dá o aval para qualquer olhar mais estético para o presídio. É também verdade que a penitenciária de Brasília é um mundo tão complexo e cruel como, por exemplo, o Carandiru ou a Funabem de São Paulo. Como na “vida bandida” daqui de fora, lá dentro também o couro come e ninguém vê. Mas, em meio a gangues, turmas de pátio, galeras, pavilhões e movimentos, existe uma escola, um colégio, um centro de ensino lá dentro. E este “centro de saber” tem força. É a partir deste núcleo, que há um movimento estético dos presos. Eles se organizam em bandas de *rock*, de *rap*, de samba, grupos de teatro, de mamulengo, turmas de poetas, professores, compositores. Foi esta “Papuda Cultural” que permitiu que um projeto tão ousado como o “Fala, Interno: O Direito Humano à Palavra no

“a grade prende
o ente
que aprende
a forma
e
nasce o verbo”

Sérgio Alves

Cárcere”, da professora Rita Segato, do Departamento de Antropologia da UnB, tivesse um aproveitamento tão profícuo. Em dois meses – setembro e outubro – foram desenvolvidas oficinas de música (*rap* e samba), teatro, vídeo,

mamulengo, jornalismo e poesia. Os presos se alimentaram de novas informações e certamente terão mais condições de refletir sobre as violências que cometeram, principal objetivo do projeto.

Mas deixando a antropologia do projeto um pouco de lado, no caso da poesia, especificamente, encontramos – Maria Lúcia Verdi e eu – um ambiente inspirado. Cerca de 10 internos participaram das oficinas – alguns intensamente, versejando – outros suavemente, só “corujando”. Mas valeu. Aprendemos mutuamente: eles conosco, nós com eles.

A semente da poesia já havia sido plantada na Papuda pelo poeta Joilson Portocalvo, que idealizou e realizou uma intensa Oficina Literária com os internos em 1995. Deste trabalho, foi editado o livro *Confissões em cadeia – sete homens privados do direito de ir e vir*, cuja apresentação é de Joanyr de Oliveira – poeta e organizador da mais completa antologia poética de Brasília –, de Ronaldo Cagiano e de Josyra Sampaio.

Dos sete internos que participaram do livro, apenas dois fizeram as oficinas de poesia por mim ministradas: o poeta Manoel Gomes, cuja produção poética e literária é impressionante – e de respeito; e Sérgio Faria de Sousa, de raciocínio rápido e crítico e tiradas inteligentes. De cara fiquei impressionado com as letras de samba de Luiz Carlos de Menezes, professor da Fundação

Lei do evento livre

Dá tempo ao tempo, detento: dá um tempo
Só o tempo ensina onde mora o antiveneno
O tempo, com seu tempero de têmeoras
Tartaranha de alfazema

Fala, interno, lançai o tema:

– *Quem sou eu para organizar o movimento:*

O m o v i m e n t o

(Você sabe)

Organiza-se no sufoco do silêncio.

Luis Turiba

A força do amor

LUIZ CARLOS DE MENEZES

*Embora o sol desponte inda distante,
E a Estrela da Alva corte os céus errante,
Mesmo no breu que a escuridão produz,
O amor é nossa luz.*

*Embora o joio a safra prejudique,
E à mesa um pão o nosso irmão suplique,
Apesar da miséria ser cruenta,
O amor nos alimenta.*

*Embora a sede de poder destrua
A paz de andarmos livres pela rua;
Apesar do grilhão que nos aperta,
Um grande amor liberta.*

*Embora a vida seja breve e rude,
E às vezes falte a mão que nos ajude;
Mesmo perdendo o impulso da esperança,
Um forte amor não cansa.*

*Embora o ódio aumente a cada dia,
E os homens dêem lastro à tirania,
Tenhamos fé que a luta irá cessar,
E o nosso amor por fim triunfará!*



Educacional do DF, mas que jamais perdeu a linha carioca de ser e estar. Em seus versos afloram elegância e musicalidade – certamente bebeu muito em Cartola e Paulinho da Viola.

Estabeleci uma dinâmica de muito papo e a partir das nossas conversas, aí sim, entrávamos no reino da poesia. Na nossa convivência, deixei claro que não me interessava o que cada um tinha feito para estar ali cumprindo pena. O que nos uniria era linguagem, pesquisa, poesia. Deixei um livro de Paulo Leminski com Edno Ferreira, que se apresentou como um “admirador da poesia”. Fizemos laboratórios com palavras como “violência” e “liberdade”. Lemos, em conjunto, trechos do *Morte e vida Severina*. Cantamos o alfabeto vogal à maneira moçambicana – a-e-i-u-óóó. Trocamos textos e informações e, por fim, fundamos a Academia do Papo e da Poesia – A Papudense de Letras.

Pedi a Ieri Luna, estagiária de jornalismo da UnB que me acompanhou nessa aventura poética, um breve depoimento sobre os acontecimentos das oficinas. Ela escreveu: “E os papos foram se desenvolvendo... cada um se revelando na medida em que o tempo passava e a intimidade crescia. Poderia ser qualquer banco de praça, mas era uma cadeia. E por mais que eu me esquecesse disso, algumas falas estavam ali para me lembrar. (...) Kaô, Kaô. Acabamos não convivendo muito com a linguagem própria da cadeia, o que de certa forma ajudou na reformulação de possíveis este-reótipos fáceis. A Papuda Cultural produz trabalhos muito interessantes, mesmo quando os incentivos são poucos para que as coisas aconteçam”.

Dos muitos versos e poemas que foram produzidos durante as oficinas, escolhi alguns para chegar aos leitores da **DF Letras**. Esta breve antologia é significativa e transcendente. Afinal, a poesia também liberta.

Eu sou....

IVANILDO PINTO DE CARVALHO

*Eu sou aquele que o vento soprou
e o destino o aprisionou;*

*Eu sou aquele que vive num mundo
repleto de seres mas mesmo assim
se sente sozinho onde a solidão e a
falta de amor ao próximo*

*têm visto vidas serem destruídas
em todas as partes do mundo;*

*Eu sou aquele que vive num mundo
abarroado de gente onde ninguém
é de ninguém eu vivo neste mundo
pequeno como um barril de pólvora
que pode explodir a qualquer
momento e quando isso acontecer*

*aqueles que são do bloco dos
desprezados correm o risco de
perder as suas vidas por serem
considerados como safados os*

*que estão presos no artigo 213
crime esse que muitas das vezes*

nem mesmo os familiares perdoam;

Eu sou como um pássaro sem ninho;

*Eu sou como uma folha seca que
vai parar onde o vento levar;*

*Eu sou mesmo assim triste
mas amante da natureza e das
coisas belas desta vida triste;*

*Eu sou assim como a estrela
que chega a muitos lugares sem
sair do lugar, assim como eu que
vou a toda parte do mundo sem sair
do lugar. Somente em pensamento eu
faço a minha viagem assim como o rio
que corre sempre para o mar;*

*assim sou eu que corro sempre nos meus
pensamentos em direção aos seus braços.*

De definição

SÉRGIO FARIA DE SOUSA

Sou forte, não insensível;

Sou inteligente, não superdotado;

Sou amante, totalmente;

Sou religioso, não fanático;

Sou preso, não psicologicamente;

*Afinal, gostaria de ser
Poeta!*

A fecundidade do amor

MANOEL GOMES

*No meio da terra arada,
em nossos corpos molhados,
nascem esmeraldas mil,
também desfilam espinhos.*

*A chuva caindo no chão,
em tarde de primavera,
sonhos ali permanecem,
nascendo do amor na terra.*

*Crescerá sem mágoas, vês,
trilhas nos olhos do trigo,
lábios ao longo do rio.*

*Beijos à fecundidade,
desliza o viço no véu,
corpos lançados na reba.*

Para lembrar que existo

MANOEL GOMES

*Dentro de um casulo decrepito,
inútil ao mundo e à vida,
que a natureza deserta,
do sucesso é suprimida.*

*Nenhum abraço escondido,
antes somos introduzidos,
Sem a cor da natureza,
enfim, se acaba a beleza.*

*Onde o silêncio é profano,
escorrendo o ar sibiloso,
entre o sorriso gostoso,
que a foto dá, da parede.*

*Aparece o crivo escravo,
vem cravado sem amor próprio,
nessa alcova, solitário,
com o abraço da tristeza.*

*Há no espaço de viver,
onde vive o espetáculo,
repassos de diversão,
pedaços de sonhos secretos.*

*Longas noites sem aquarela,
num triste barco sem velas,
sobre sonhos naufragados,
dobrado em braços malvados.*

*Maus pensamentos entrementes,
reticentes de verdade,
reclamo a felicidade,
por lembrar que ainda existo.*

Promessa

LUIZ CARLOS DE MENEZES

*Prometo-te! Ao morrer, jamais me encontrarás,
Vagando em torno às tumbas, nas trevas, sem paz,
E se cruzares, numa noite, o meu jazigo,
De susto não virás a dividir comigo
O pedaço de terra que tanto me apraz
Poder nele assentar meu solitário abrigo.*

*No fundo do terreno, o meu corpo desfeito
Fará, junto co'os vermes, confortável leito,
Onde ninguém vai perturbar-me o eterno sono:
Nessa mansão de paz não há senhor nem dono,
O pobre e o rico tiram dela igual proveito,
Servo e tirano têm direito ao mesmo trono.*

*A luz que hoje me guia o espírito e as
tendências*

*Farei resplandecer no céu da Providência,
Para trazer meus sonhos à realidade.*

Não levarei fracassos para a Eternidade ...

*Minha alma há de deixar pra trás toda
exigência,*

*E se aninhar, de vez, nos braços da
Verdade.*

P.S.: Escrevam para a Academia do Papo e da Poesia
(C.I.R. - PAPUDA - Ala Especial - CEP 71619-970 - Brasília-DF - Aos cuidados de Manoel Gomes).

Descubra o Centro-Oeste

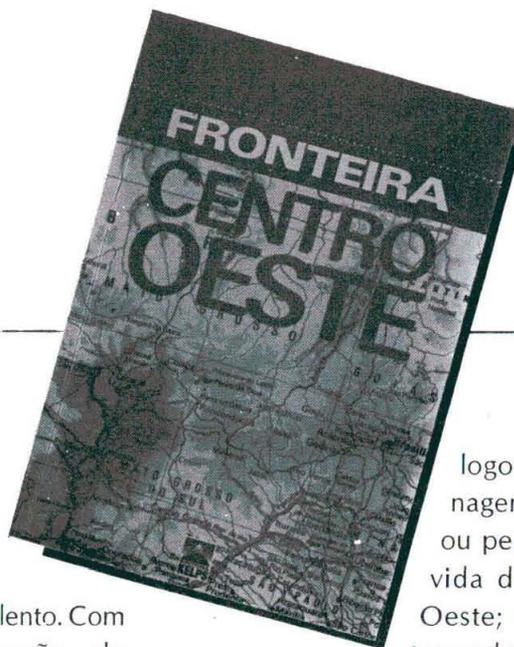
□ ANTONIO BELUCO MARRA

Clovis Sena
percorre
17 mil quilômetros
(de carro) para
escrever
*Fronteira
Centro-Oeste.*

Clovis Sena esteve muito tempo nas redações antes de escrever *A flauta rústica*, livro em que estréia como romancista de talento. Com sua mais recente publicação, ele retorna à atividade de jornalista, embora *Fronteira Centro-Oeste* não seja, a rigor, obra de jornalismo. Clovis viajou dezessete mil quilômetros para escrever seu livro e acumulou uma formidável massa de informações sobre a região.

O trabalho das informações, entretanto, não parece ocupar o centro de suas preocupações. Para Clovis, mais importante que o detalhamento ou a explicação de dados e estatísticas, é demonstrar a idéia de que a região do Centro-Oeste tem tudo para ser o novo Eldorado brasileiro, podendo até mesmo substituir, com vantagem, na mente daqueles que procuram outros países para viver, o sonho de uma nova existência numa terra onde jorriam leite e mel.

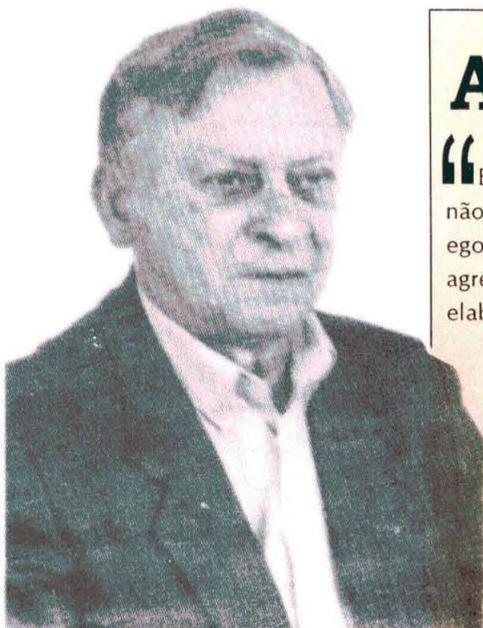
Se os livros têm um espírito, ou uma alma, esse é o espírito e a alma que perpassam as mais de 300 páginas de *Fronteira Centro-Oeste*. Assim, em sua empreitada de longo percurso, Clovis Sena vai colhendo dados, informações, impressões, vai entrevistando gente que se deu bem nas cidades e nos campos, reproduzindo diá-



logos de personagens grandes ou pequenos da vida do Centro-Oeste; enfim, vai traçando um vasto painel da região. Ele o faz com técnicas diversas, como o desenhista ou o pintor que traçam um esboço, produzem aqui e ali uma pincelada, ou simplesmente evocam climas, paisagens, tipos, situações, cores e, mesmo, alguns sonhos!

Talvez o leitor que tenha pavor a ratos gostasse de saber mais sobre o *juscélinus candango*, que seria um ratão do planalto, entre a realidade e a metáfora, ou saber mais ainda sobre essa singular Orquestra de Senhoritas, descrita como "única no mundo". O que essas senhoritas têm e as outras não? Clovis não parece nem de longe preocupado com essas nossas pequenas curiosidades.

Não chega a ser um defeito, mas revela um procedimento: ele viaja de um assunto a outro, como se empunhasse não a escrita, mas a câmera de filmar. Cassiano Nunes teve a impressão de estar assistindo a um documentário. Sim. um documentário, como no cinema, mas com a condição de acrescentarmos: um documentário que não se limita ao relato factual, mas que acrescenta às in-



Clóvis Sena é jornalista, poeta premiado, escritor e crítico de cinema

formações, de modo a modificá-las, as impressões pessoais do autor, suas lembranças e sentimentos sobre o assunto, além de citações, testemunhos, entusiasmos.

O que Clovis quer compartilhar com seus leitores, na verdade, é a sua descoberta do Centro-Oeste como uma região de benesses naturais, culturais e econômicas insuspeitadas e, praticamente, desconhecidas. Nesse sentido, o livro já atingiu seu objetivo de produzir um inventário da região e de transformá-lo num manifesto-programa em prol de seu aproveitamento e, mesmo, de seu descobrimento. Se o livro tivesse um subtítulo, ele bem poderia ser "Descubra o Centro-Oeste"! Você já pode começar sua viagem!

Clovis Sena

Fronteira Centro-Oeste
Pedidos

Casa do Livro

(61) 224-3472 / 226-7898

Livraria do CEUB

Fax: (61) 340-4915

Só Livros

(61) 274-9878

As Indicações da Bússola

“Existimos para marcar com vida o mundo, não para punir. E onde a negligência ou o egoísmo estiverem a tornar sáfara a terra e agredido o viver, some-se, faça reverter. E elabore seus atos como quem se dê ao privilégio de construir um mundo melhor, irizado de feixes de luz, pleno de serena paz.

Para lá de Belo Horizonte. Depois do oeste do rio São Francisco até além das cabeceiras do rio Paraguai. E Anápolis. As regiões de Dourados e Ceres. Palmas. A trilha da Expedição Roncador - Xingu. Cuiabá e as novas cidades do nortão mato-grossense e da Chapada dos Parecis. A Bahia do oeste sanfranciscano.

Triângulo Mineiro. Tocantins e Araguaia. Centro-Oeste, país do ouro e da revolução pela biomassa. Rondônia e Acre. Migrantes sulistas constroem eles mesmos as escolas e do governo solicitam apenas nomeie os professores. O hectare dos trigais na região de Brasília é mais produtivo que nos Estados Unidos, Canadá ou Argentina. Tal qual quanto aos cafés finos e à soja, o Brasil poderá ser um dos grandes produtores de trigo do mundo e a partir do Centro-Oeste, ou, mais precisamente, a partir dos cerrados do Planalto Central, onde não há geadas, e onde se ouvem sons sinfônicos, catiras, violeiros e canto coral, e assistem-se torneios de cavalhadas, e teatro, e por onde recomeça o cinema.

No princípio do século XX os cearenses chegaram até o Acre, então doado por um ditador da Bolívia ao Bolivian Syndicate of New York e, de armas na mão e escaramuças, asseguraram (os cearenses que ali moravam) essa área para o Brasil sob a liderança do gaúcho Plácido de Castro. Antes, foram os paulistas de Piratininga. Agora em toda a parte do vasto Oeste observa-se: são os sulistas que chegam.

Sempre houve algo de mítico no imaginário popular quanto ao Centro-Oeste. O eldorado que não estava na costa e que iria energizar as Bandeiras.

O cinquentenário de *Marcha para Oeste* - a influência das Bandeiras na formação social e política do Brasil -, livro do modernista Cassiano Ricardo, não teve a evocação devida. Outro cinquentenário, o

do início da Marcha para o Oeste, desdobrada em Expedição Roncador - Xingu: quarenta e três cidades surgiram na trilha da expedição.

Nos tempos atuais Brasília é um Cabo Canaveral ou Escola de Sagres para a nova conquista desse mundo amplo e carente de habitantes e destinado a tornar-se um dentre os mais importantes celeiros do mundo. E já começa.

Com os reais e dólares guardados a fim de ir embora para o estrangeiro e humilhar-se, vá é para o Centro-Oeste do Brasil e cresça com a nação, conforme os norte-americanos dos séculos XVIII e XIX, argumento de muitas centenas de realizações do cinema. Olhe o mapa, escolha um lugar que lhe pareça perdido, e se decida.

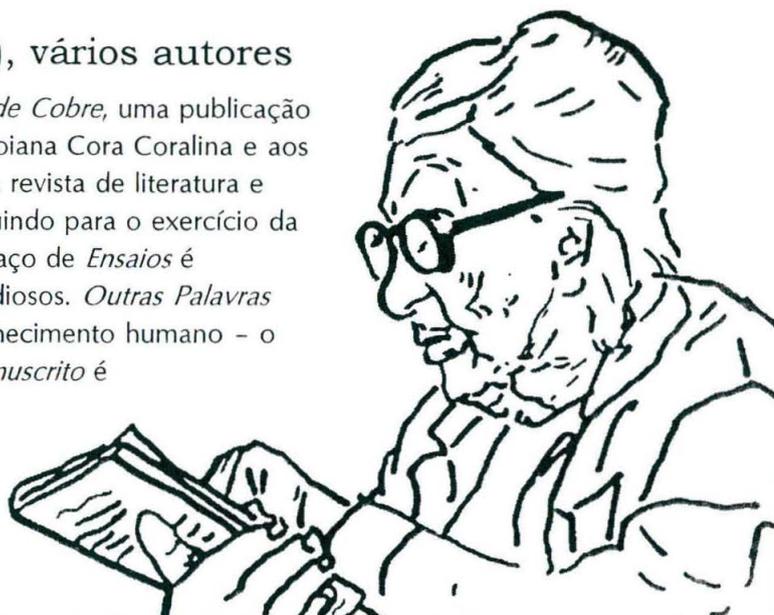
Quem já foi não se deu mal. Quando muito, em suas buscas, mudou de uma região para outra. Mas no mesmo Centro-Oeste. Em Dourados, Mato Grosso do Sul, a gaúcha Lori Alice Gressler, professora, com doutorado, explica: mudara-se para ali por achar bom ser pioneiro e poder sentir-se útil. E algo semelhante foi dito pela bailarina russa Maria (ou Masha) Vakhrusheva, solista do Balé Kirov, em São Petesburgo, ao aceitar, aos 24 anos, convite de uma sociedade cultural, a Affinity Arts, para ensinar em Brasília: julga fascinante contribuir para o balé numa cidade nova. E em um dos verbetes da Enciclopédia do Balé Russo, o coreógrafo Sergei Alexandrov diz por que viera ensinar no Ballét Rosana Assad: as capitais de todo o mundo têm boas companhias de dança, e Brasília, tão bonita e agradável, merece uma companhia de balé clássico, seja ela pública ou privada. Professor de Ciências Políticas, o norte-americano David Fleischer conta o seu caso: viera, estudante, ao Brasil, no começo de 60, e em Minas Gerais impressionara-se com a paixão brasileira por política e futebol e, em razão disso, voltara aos Estados Unidos para deixar a Química e estudar Ciências Políticas e conhecer melhor a história brasileira e retornar ao Brasil onde, desde 1972, é professor na Universidade de Brasília: adora a paz de morar no Lago Norte, tornou-se cidadão brasileiro e é presidente da organização não-governamental Transparência, Consciência e Cidadania ●●●”

(Trecho do livro *Fronteira Centro-Oeste*.)

Vintém de Cobre (revista), vários autores

Acaba de ser lançada a primeira edição da revista *Vintém de Cobre*, uma publicação em homenagem aos 110 anos de nascimento da poetisa goiana Cora Coralina e aos 10 anos do Museu Casa de Cora Coralina. Trata-se de uma revista de literatura e leitura, cujo objetivo é divulgar ensaios nessa área, contribuindo para o exercício da palavra. A *Vintém* está dividida em três seções fixas. O espaço de *Ensaio* é reservado à divulgação de trabalhos de professores e estudiosos. *Outras Palavras* apresenta pesquisas e trabalhos sobre outras áreas do conhecimento humano – o primeiro número da revista trata da História. Na seção *Manuscrito* é transcrito fragmento ou texto completo de um poeta ou escritor brasileiro. Edla Pacheco Saad é a homenageada da primeira edição.

Vintém de Cobre (revista) – Casa de Cora Publicações
Nós os mortos: Melancolia e Neo-Barroco – Sette Letras,
 185 páginas. Preço: R\$ 20,00



Cora Coralina

In: *Vintém de cobre*.

Meias confissões de Aninha.

São Paulo: Global, 1994.

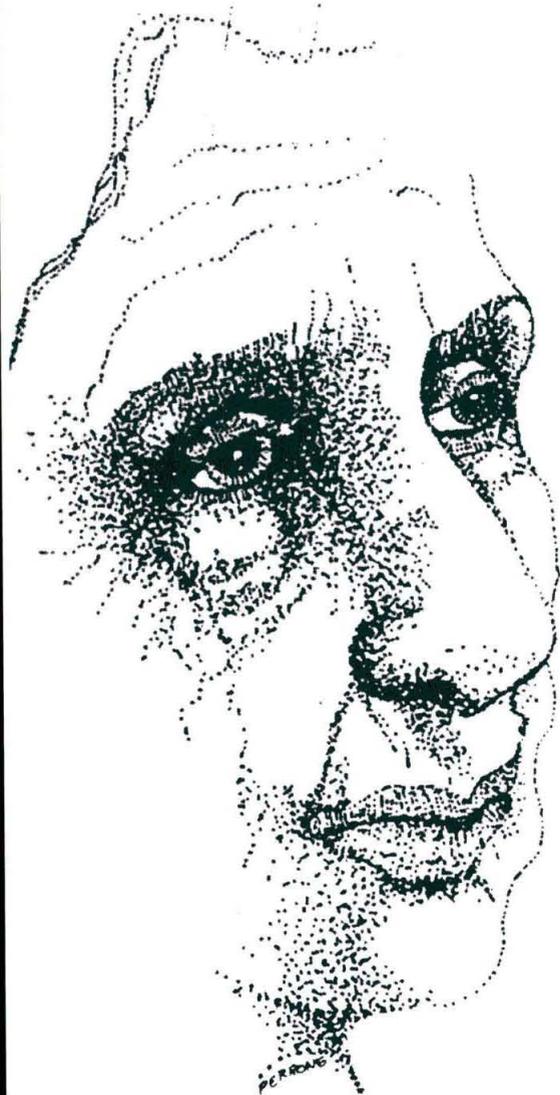
POEMA

Meu vintém perdido

Que procura você, Aninha?
 Que força a fez despedaçar correntes de afetos
 E trazê-la de volta às pedras lapidares do passado?
 Sozinha, sem medo, vinte e sete anos já passados...
 Meu vintém perdido, meu vintém de felicidade.
 Capacidade maior de ser eu mesma, minha afirmação constante.
 Caminheira, caminhando sempre.
 Nos meus pés pequenos,
 meus chinelinhos furados.
 Tão escura a noite da minha vida...
 Indiferentes ou vigilantes.
 Tanto tropeço.
 Na frente, marcando o caminho a candeia apagada.

Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra,
 com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua arte de ensinar.

Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde me sentava,
 a cartilha de "ABC" nas minhas mãos de cinco anos, quanto daria
 por um daqueles velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas
 e aquelas Máximas de Marquês de Maricá,
 aquela enfadonha taboada de Trajano,
 custosa demais para meus entendimentos de menina,
 mal amada e mal alimentada...
 Meus vinténs perdidos, tão vivos na memória...



Quando eu morrer, não morrerei de tudo.
Estarei sempre nas páginas deste livro, criação mais viva
da minha vida interior em parto solitário.

Tirei-os da minha solidão sem ajuda e sem esperança,
no fundo, o relâmpago longínquo de uma certeza.
Recusada tantas vezes, até o encontro com José Olímpio em 1965.
Depois, treze anos de esquecimento.
Solidão, esperando se fazer a geração adolescente
que só o conheceu na sua segunda edição,
que ao final sensibilizou a geração adulta, que o recebeu na primeira
em escassos cumprimentos.
Depois, o que tem acontecido a tantos: a vitória final.

Leitores e promoção.
Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.
Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo
que me promoveram a primeira noite de autógrafos
na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer.
Miguel Jorge, nos seus dezessete anos, namorado firme
de Helena Cheim, também escritora e amiga de sempre.
Luís Valladares e tantos outros a quem devo
tanta manifestação carinhosa e generosidade.
Hecival de Castro, dezessete anos lá se vão corridos.

Detesto os que escrevem mal e publicam livros.
A linguagem escrita, simples e correta, deve dar a impressão
de alguém que sabe escrever.
A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.
A maior angústia foi superar a minha ignorância.
Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.
Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,
é o meu apoio e uma legitimação do que sou realmente.

A linguagem errada dos humildes tem para mim um gosto de terra
e chão molhado e lenha partida.
Jamais procurei corrigi-los como jamais tolerei o bem falante, exibido.
Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente,
fácil e floreada, encerrada nos arcaísmos do idioma.
Tive uma empregada que só dizia “meicado”.
Outra que teimou sempre em um dizer “Dona Coria”.
Não criei obstáculos nem propus concerto. No fim,
quando me dirigia à primeira eu dizia: vai ao “mercado”,
com medo de que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso,
como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples.
Tão fácil, espontânea e pitoresca nos seus errados.



O Casamento

do Bispo,

Valter Pedrosa de Amorim

O autor alagoano, Valter Pedrosa de Amorim, lançou este ano o seu décimo terceiro livro - *O casamento do Bispo*. Publicada pela Roteiro Editorial Ltda., a obra apresenta vinte e um contos. Vários deles dizem

respeito à luta de treze anos que o autor travou com a Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), de onde foi demitido "sem justa causa" em 1983 e readmitido em 1996. O conto que dá nome ao livro refere-se ao casamento do João Bispo - não de um bispo religioso - e sua proeza para unir-se à noiva, Lindaura.

O casamento do Bispo, Valter Pedrosa de Amorim - Roteiro Editorial Ltda., 158 páginas.

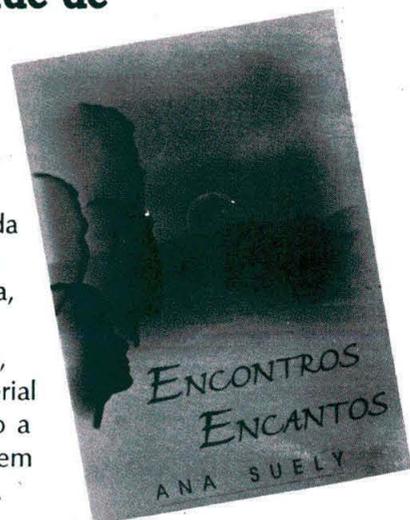
Inter-Ação: Revista da Faculdade de

Educação da UFG, Vários

Este é o vigésimo segundo volume da revista anual *Inter-Ação*, uma publicação voltada à produção pedagógica da Universidade Federal de Goiás. Este número apresenta artigos sobre formação filosófica, redação matemática, ensino da matemática elementar, educação na economia, cultura organizacional, adolescência, literatura, entre outros. Um material rico e variado, indicado a todos os interessados em pedagogia e educação.



Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG, vários - Centro Editorial e Gráfico da Universidade Federal de Goiás, 147 páginas.



Encontros Encantos,

Ana Suely

A autora é graduada em biblioteconomia e documentação pela Universidade Federal do Ceará. No entanto, jamais deixou sua veia poética adormecida. *Encontros encantos* marca a vitória de Ana Suely. É o primeiro livro publicado pela autora. O primeiro registro de seu mundo lúdico. Uma obra sensível e intensa, dividida em cantos, sensações, sensual, viver, travessias e encantos. Todas as ilustrações são de Lisarb e Francisco Lopes Sobrinho. *Encontros encantos*, Ana Suely - Gráfica Valci Editora Ltda., 118 páginas.

Nas hastes do vento,

Conceição Cunha

Jornalista e poeta paulista. Cidadã Honorária de Goiás. Esta é Conceição Cunha, autora do livro de poesias *Nas hastes do vento* (o sétimo que escreve). A obra foi publicada este ano pela Editora Kelps. São dezoito poemas que falam de amor, sensibilidade, ternura e vida. Poemas sonoros, intimistas, amorosos, sonhadores de alma e sentimentos - assim como a autora, segundo José Luiz Bittencourt, que escreveu a apresentação da obra.

Nas hastes do vento, Conceição Cunha - Editora Kelps, 71 páginas.

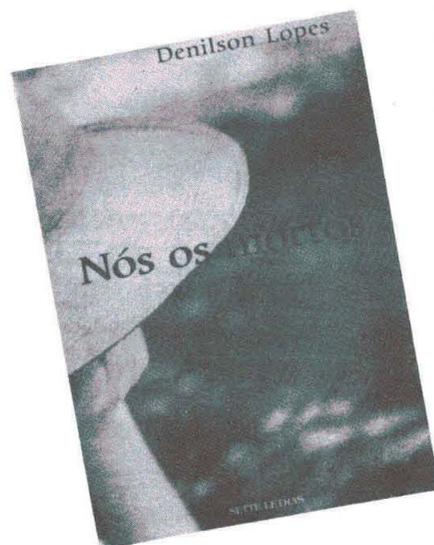


Nós os mortos: Melancolia e Neo-Barroco,

Denilson Lopes

A partir dos romances *A menina morta*, de Cornélio Penna, *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, e *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado, além dos filmes *Violência e paixão*, *O leopardo* e *Ludwig*, de Luchino Visconti, e *Salão de música*, de Satyajit Ray, o autor desenvolve uma relação entre melancolia e o estilo neo-barroco. Trata-se de uma análise sócio-histórica e transdisciplinar sobre o tema. Denilson avalia a melancolia como uma porta de entrada para repensar nossa época por meio da arte.

Nós os mortos: Melancolia e Neo-Barroco, de Denilson Lopes - Sette Letras, 185 páginas. Preço: R\$ 20,00





A cabo de chegar de Teresina, para onde fora proferir uma palestra. Apesar do zumbido nos ouvidos, que apareceu, sem ser chamado, faz três semanas, isto é, da orquestra das cigarras em meus ouvidos ou no cérebro, resolvi viajar e enfrentar o público, com a ressalva de que um amigo, que daria a conferência no dia anterior, ficasse de reserva, para, em caso de emergência, fazê-la em meu lugar. Tirar-me do apuro. Salvar-me do desastre fatal.

Cheguei a Teresina, anteontem – tarde da noite – e fui dormir. Fora, um calor que nem a noite esmorecera. No quarto, o ar condicionado, ligado a toda!!! O frio desértico contrastava com a temperatura quente, impedindo a respiração.

Que triste combinação: a música de ensandecer e o frio no quarto ou o calor na rua!

Orquestra de cigarras

□ LEON FREJDA SZKLAROWSKY

Acordei, porém, às duas da madrugada, com um zumbido ensurdecedor e não dormi mais. Sequer consegui cochilar. Às cinco da manhã, tinha resolvido telefonar para o querido confrade, no apartamento ao lado, pedindo-lhe socorro – que fizesse a palestra em meu lugar. Quase chorei de desespero e decepção, porque o mundo ia abaixo. Parece que chorei, sim. Às seis, entretanto, apesar de não ter cerrado os olhos a noite toda, e do zumbido que me deixava maluco, tinha decidido que, ou o que escrevo (lutar, vencer as adversidades e todas as coisas que estão nos meus poemas) é sério é verdadeiro, para mim e para os outros, ou tudo não passa de fantasia e balela, mentira deslavada e, portanto, nada vale, devendo eu mandar tudo para o lixo ou, conforme a linguagem do computador, para o *trash*. Ou, para as profundezas do inferno. Aquele inferno de Dante, sim, senhor. Seria tudo ou nada. Valeria ou não a pena viver!

E, mais, havia-me esquecido do pincel de barba, para completar o desastre em que me achava envolvido. Que desgraça jamais imaginada e desejada! Assim, após tudo isto, pensei e tomei uma decisão, para pôr à prova e dizer que, com certeza, o que escrevo e penso não é quimera, mas uma filosofia de vida, uma verdade em que eu acreditava. Resolvi que ou daria a palestra a contento, cumprindo o compromisso, superando as dificuldades, vencendo as adversidades e provando que o ser humano tudo pode, quando quer, por pior que seja a situação, ou nunca mais subiria ao púlpito.

to. Nunca mais poria o pé no palco.

Eis que, ao chegar ao local, sentei-me à mesa, fui convidado a falar, um frio tocou-me, fundo, penetrou em minhas entranhas, dirigi as primeiras palavras, relatei o caso, fui ovacionado, receberam-me de pé, bateram palmas. Dei a palestra até as doze. Consegui superar tudo, não havia mais zumbido. Não mais ouvia a orquestra das senhoritas cigarras. Nem me preocupava com as incansáveis formigas que trabalhavam, sem parar, enquanto as cigarras só cantavam, para se alegrar e me matar. Esquecera-me dele, zumbido. Voltei, às duas da tarde, recomecei, cada vez com mais vigor, de pé, sem microfone, gesticulando, abordando o tema como nunca, fazendo-os rir. E não sou palhaço, embora acredite que todos nós temos um pouco de *clown* e de louco. Finalmente, fui, novamente, ovacionado. Levantaram-se todos, novamente, e eis que de novo agradecera, contara tudo que senti, tudo que pensei e a vitória do homem sobre todas as coisas. Fiquei feliz, comecei a acreditar novamente no que escrevo. Saber efetivamente que vale a pena viver, sonhar, pensar, lutar, sem esmorecer, sem pestanejar. E ainda ganhei flores (quebraram o tabu de que flores são só para mulheres), houve entrevista para os jornais e para a TV. Eis minha história.

É verdade que ganhei uma rouquidão e dor de garganta, por haver falado sem microfone, e por causa do ar condicionado, enquanto que lá fora ardia um sol abrasador de mais de quarenta graus. Mas que é isto, ante

coisas mais importantes? É uma cidade linda, encantadora!

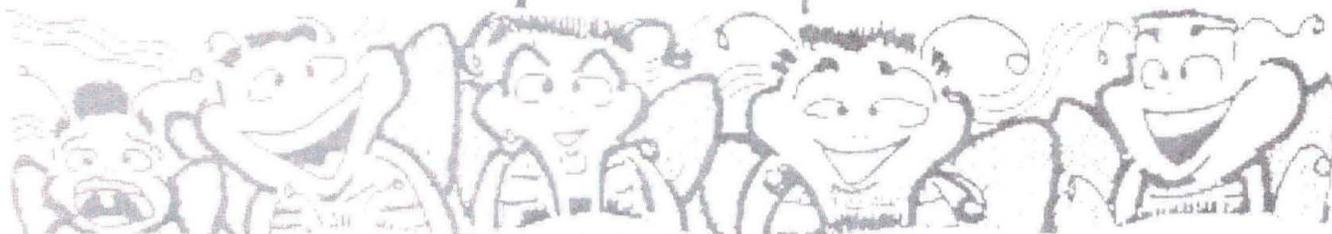
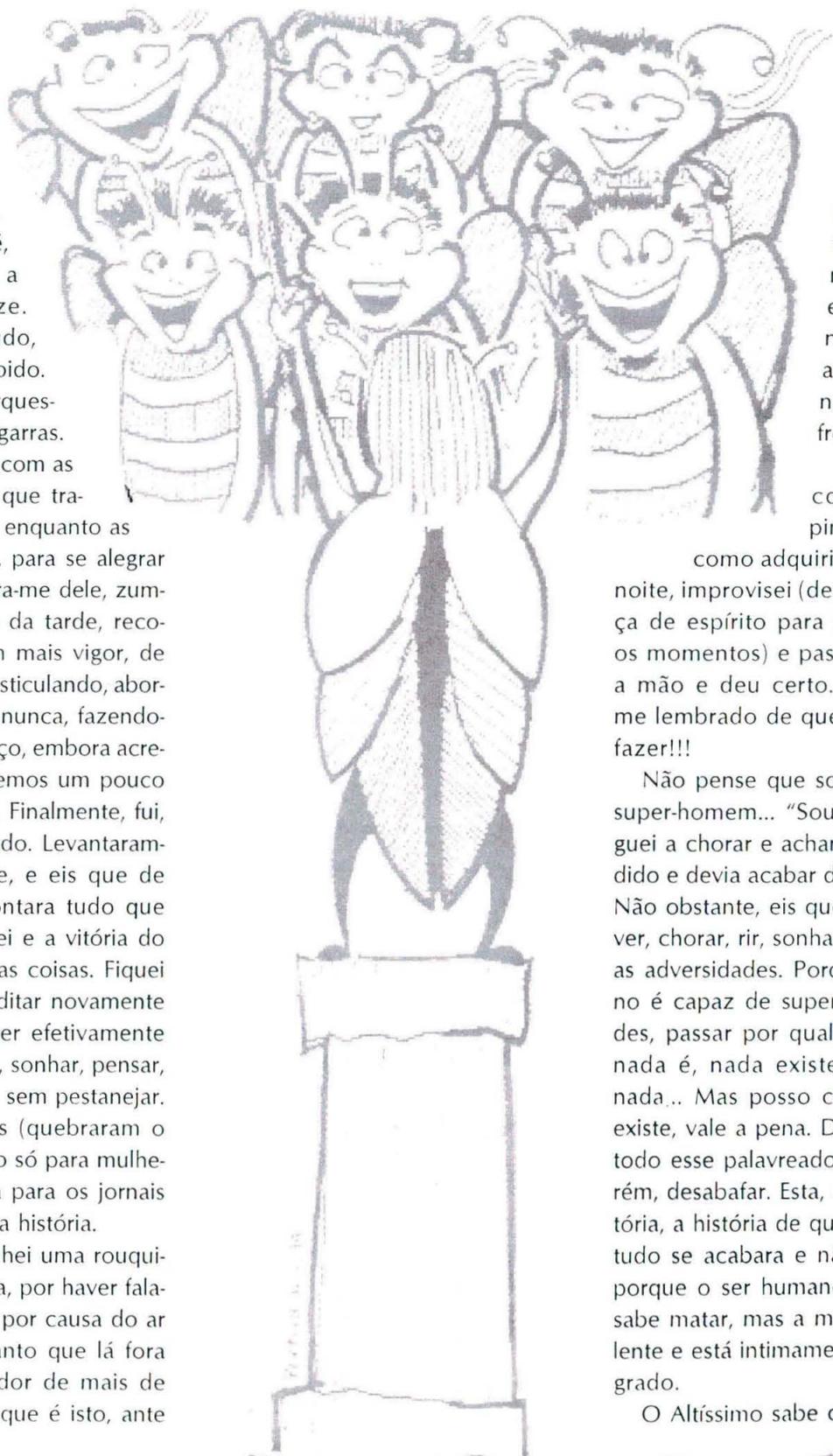
Acabo de voltar do Nordeste, onde o povo é bom, acolhedor, maravilhoso, mas o zumbido continua; com mais força do que nunca, vingativo, entretanto, ele nada representa, ante um mundo novo à minha frente.

E, ainda mais, como não tinha pincel e não havia

como adquirir àquela hora da noite, improvisei (deve-se ter presença de espírito para tudo, em todos os momentos) e passei a pasta com a mão e deu certo. Que sorte ter-me lembrado de que basta querer e fazer!!!

Não pense que sou valente, forte, super-homem... "Sou não!" Até cheguei a chorar e achar que estava perdido e devia acabar de vez com tudo. Não obstante, eis que vale a pena viver, chorar, rir, sonhar, lutar e superar as adversidades. Porque o ser humano é capaz de superar as adversidades, passar por qualquer prova. Ou nada é, nada existe, nada, nada... nada... Mas posso clamar que tudo existe, vale a pena. Desculpe-me, por todo esse palavreado. Tinha que, porém, desabafar. Esta, minha breve história, a história de quem pensara que tudo se acabara e não acabou, não, porque o ser humano sabe ser mau, sabe matar, mas a maioria é boa, valente e está intimamente ligada ao sagrado.

O Altíssimo sabe o que faz.





Cassiano caminha no cerrado

O corpo frágil,

alma toda exposta

Caminham pelo cerrado

Cassiano e a poesia

ambos soltos, ambos sós

Cassiano, seu boné e o ar menino

as mãos pequenas, como pássaros

Olho Cassiano palmilhar o caminho

Neste olhar, encontro-o.

Vem-me a vontade de abraçá-lo, retê-lo

como ao animalzinho que nos invade na rua

Sim, Cassiano, os homens metem medo

Você, com seu corpo trêmulo e sua evidência

Eu, com meu corpo firme e minha resistência

Somos, os dois, pedaços de um mesmo espelho

A mesma fragilidade, a mesma fé,

a busca silenciosa da vida

Cassiano caminha no cerrado

O leve oscilar do corpo

e o oscilar da natureza

Nele, a flor recolhida, inesperada

que vence a terra dura e seca

Maria Lúcia Verdi – março/88

Na ponta da língua

□ ARNALDO NISKIER

TRAGÉDIA PÚBLICA

"A falta de médicos nos hospitais públicos é tão grande ao ponto de pessoas ficarem esperando mais de 12 horas para serem atendidas."

Enquanto não se resolve o problema da saúde, vamos resolver a correção na escrita.

Não use "ao ponto de" e sim *a ponto de*, que é uma locução prepositiva.

GANHO OU GANHADO?

"Antônia havia ganhado um carro na Raspadinha, mas perdeu o bilhete".

Que azar! Só acertou no verbo ganhar. Com os verbos *ter* e *haver* você pode usar as formas *ganhado* ou *ganho*, pois ambas estão corretas.

O verbo ganhar é abundante, isto é, no modo infinitivo tem dois participípios.

DEFESA INGLÓRIA

"O advogado defendeu o réu com grande espontaneidade, mas ele foi condenado."

Não foi tão espontâneo assim. A palavra "espontaneidade" não existe. O correto é

Observe: Há vários adjetivos terminados em *neo* (espontâneo, contemporâneo, etc.).

Na formação dos substantivos derivados desses adjetivos, cai a vogal *o* e se junta o sufixo *-idade*, formando o ditongo *-ei*.



Exemplos:
espontâneo - espontaneidade
contemporâneo - contemporaneidade

CURIOSIDADE

Gregório de Matos foi o primeiro grande poeta brasileiro. Nasceu em 1633, em Salvador, na Bahia. Seus poemas denunciam a ganância e a busca do prazer pelos poderosos. Por isso, ganhou o apelido de Boca do Inferno.

CASTIGO

"Os maus políticos deveriam ter seus mandatos caçados."

Assim seria castigo dobrado:

caçar é perseguir a tiro;

cassar é fazer cessar os direitos políticos ou de cidadão.

Frase correta: Os maus políticos deveriam ter seus mandatos *cassados*.

Machado de Assis tinha grande admiração por José de Alencar. Eles chegaram a conviver, no Rio de Janeiro, embora Alencar fosse bem mais velho. Uma frase do autor de "Iracema" era muito apreciada por Machado: "A língua é instrumento do espírito". Quando todos acreditarem nisso, sem dúvida, teremos progredido.

RESPOSTAS AOS LEITORES

1. Antônio Carlos de Jesus e Souza - (Maracanã - Rio)

Grafemas são as letras, símbolos gráficos que formam as palavras, que constituem a base da língua escrita.

2. Marina D. da C. Sotero - (Magalhães Bastos - Rio)

Você está certa. O sujeito oculto é hoje chamado de implícito na desinência verbal, por diversos gramáticos. Acho esta, inclusive, uma nomenclatura mais adequada - o pronome não aparece na frase, mas está implícito.

Exemplo: Iremos ao cinema às 18h. (sujeito nós - implícito na desinência verbal).

3. Selma de A. A. Matozo - Friburgo - RJ)

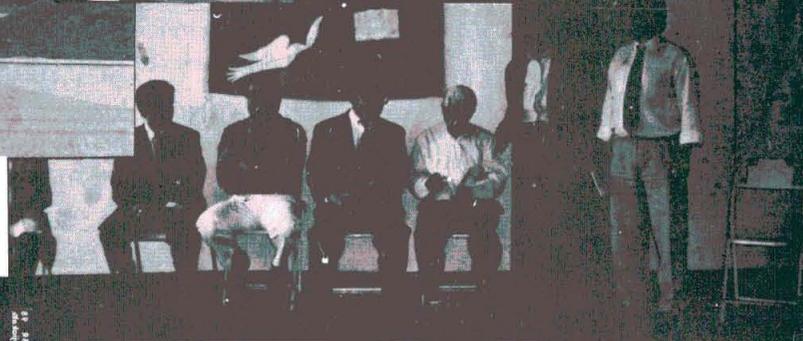
A diferença entre as locuções adverbiais e as prepositivas é que estas sempre terminam com uma preposição e aquelas começam na maioria das vezes com uma preposição.

Exemplos: à toa/às claras/de repente, etc. - locuções adverbiais;
acima de/ além de/ a par de, etc. - locuções prepositivas.

Dúvidas? Escreva para: Antares, Na ponta da língua, rua General Gurjão, nº 479 - Caju - Rio de Janeiro
CEP: 20931-040 - Fax: (021)580 - 2163 e 589 - 3030; e-mail: aniskier@carioca.br

Taguatinga

é cultura



*Taguatinga é prosa e verso.
É música e arte. É cultura em
forma de cidade.*

*Nesta edição, a revista DF
Letras homenageia a produção
artística de Taguatinga e todos
os seus representantes, contando
um pouco da trajetória dos
membros da Academia
Taguatinguense de Letras, da
contadora de histórias Carleuza
Farias, do mecenas Justo
Magalhães e da artista plástica
Beverly Carpaneda.*

Bem-vindos ao mundo lúdico de Taguatinga!

Era uma vez.....

... Uma professora de artes plásticas chamada Carleuza Farias. Uma mulher forte e vibrante, que sonhava com um mundo melhor, repleto de poesias, músicas e histórias. Carleuza desejava contar as lendas e as tradições de seu povo para todas as pessoas que cruzassem seu caminho. O sonho se transformou em determinação e realidade - a custo de muito trabalho.

Assim começa a saga da professorinha contadora de histórias, de 36 anos. Há 14 anos, ela resolveu investir no "passatempo" predileto e profissionalizou-se. "Fiz do meu hobby uma profissão séria, aprofundada em pesquisas, explorando a criatividade, a observação, a percepção, a habilidade na improvisação dessa mágica arte", destaca ela.

O trabalho é feito em escolas e shoppings do Distrito Federal. Nos últimos meses, Carleuza Farias também pode ser vista em apresentações do projeto *Arte por toda a parte*, do governo do Distrito Federal. "Conto minhas histórias onde me convidarem", garante. "Trazer de volta o encantamento que existe em contar histórias é o que mais me emociona".

A profissional avalia seu ofício como um resgate do lúdico e do imaginário, elementos tão esquecidos e trocados pelos jogos eletrônicos de um mundo extremamente individualista. "Ao contar histórias tem-se a oportunidade de experimentar emoções, despertar o prazer de escutar o outro e de estar em convivência com o grupo, o que constitui um precioso instrumento para o relacionamento", pondera a professora.

Os benefícios que a contadora recebe ao exercitar sua arte também são repassados ao público, principalmente às crianças. "Através dos contos de fadas, das lendas, dos escritores atuais, podemos mostrar a história do nosso povo. É imprescindível que possamos dar às nossas crianças momentos de contato com histórias fascinantes, e tão aconchegantes emocionalmente, para não perderem o fio da História", encerra Carleuza Farias.



Através dos contos de fadas, das lendas, dos escritores atuais, Carleuza Farias conta a história do nosso povo

A artista plástica

Madeira, pedras, cimento, ferro e pregos. Elementos que ganham tecido, papel e tinta. Mesclados, se transmutam. Formam uma obra de arte, uma composição-instalação da artista plástica Beverly Carpaneda, 54 anos.

O amor pela arte a acompanha desde criança, mas a profissionalização chegou há 25 anos. Desde então, ela se dedica à pintura: óleo sobre tela. Mas Beverly tem-se aventurado por outras técnicas. Hoje investe no trabalho com pedras preciosas e semi-preciosas. Ela cria novas cores e texturas sobre ametistas, ágatas, pedras de Pirenópolis (as mais presentes em seu trabalho) e esmeraldas.

A renovação de sua arte chamou a atenção de representantes de órgãos internacionais residentes em Brasília. "A embaixatriz da França foi a Pirenópolis e viu meu trabalho com pedras numa das paredes da Pousada dos Pireneus. Ficou apaixonada. Disse que nunca viu algo semelhante e tão belo em todo o mundo", comenta a artista, orgulhosa.

O episódio lhe rendeu alguns convites. Expôs seus painéis na Aliança Francesa, na Embaixada da Bélgica e no Hotel Nacional. "Fiquei muito feliz com esses convites. É pena que o apoio seja principalmente internacional, porque é ainda muito pouco o apoio local", lamenta.

Mas isso pode mudar muito em breve. Em comemoração aos 500 anos do Brasil, Beverly Carpaneda desenvolveu o projeto Caravelas. Ela pretende criar um painel de 240m² em Taguatinga. "Estou em negociação com a administração regional. Ou ele vai ficar no muro da Escola Classe 23 (na Praça do DI) ou no Teatro da Praça (Taguatinga Centro)", comenta a artista.

O projeto chama atenção pela criatividade. Da mistura de pedras preciosas com tintas e texturas, brotarão cenas do Descobrimento do Brasil. Primeiro, as três caravelas da expedição de Pedro Álvares Cabral: Santa Maria, Pinta e Nina. Depois, a primeira missa celebrada em terras brasileiras. E daí por diante.

O mecenas

Ele é dono de bar, de academia de ginástica e de uma loja de uniforme. Mas Justo Magalhães, 43 anos, se destaca em Taguatinga por outra atividade. É mecenas, embora não goste do título. Adquiriu 110 obras de arte, entre quadros e esculturas, ao longo de sua vida. A maioria delas é de artistas do Distrito Federal, como Marlene Godoi, Bichiantti, Toninho de Souza, Omar Franco, Tarcísio Viriato, Anselmo Rodrigues, Hamilton Gondim e Jeff. Mas também possui trabalhos de artistas conhecidos nacionalmente como Siron Franco, Antônio Maia, Rubem Valentim e Alfredo Volpi.

A coleção começou por acaso, como pagamento de uma dívida. Em 1986, confeccionou camisetas para um cliente, que candidatou-se a um cargo político. Na hora do pagamento, Justo preferiu receber 12 obras de artistas da cidade.

De lá para cá, as obras de arte se avolumaram e a casa do mecenas (no Setor de Mansões de Taguatinga) ficou pequena para abrigá-las. "Hoje elas estão distribuídas em minha casa, no restaurante (Sem Frescura MPBar), no Teatro da Praça de Taguatinga e nas casas de amigos e parentes", revela.

As compras são feitas diretamente dos artistas ou em leilões beneficentes de embaixadas, além de exposições. A escolha é aleatória, não segue padrões preestabelecidos. "Compro o que eu gosto, o que me agrada. Não um estilo



Beverly Carpaneda, há 25 anos se dedica a pintura com pedras

único. Gosto muito do abstrato, mas tenho obras de todos os estilos", ressalta.

Justo calcula já ter investido em torno de R\$ 150 mil na aquisição de quadros e esculturas. "Mas é um cálculo superficial. Fica difícil fazer a conversão do dinheiro em todos estes anos", comenta. A chegada do real à economia brasileira prejudicou o trabalho do colecionador. "A crise econômica está alta. Com a chegada do real, não consegui comprar mais nada. O último quadro que adquiri foi em 1995", lamenta o mecenas.

O imortal

José Ferreira Simões é um dos 38 imortais de Taguatinga. Ele preside, desde 1986, a Academia Taguatinguense de Letras. "Estou no terceiro mandato", comenta orgulhoso. O local é um ponto de encontro dos escritores da cidade. São poetas, cronistas, novelistas e romancistas. "Mas a maioria gosta mesmo é de poesia", destaca.

A Academia é um local de discussão, onde a literatura está em debate permanente. "Fazemos discussões internas, análise dos trabalhos dos membros e dos amigos que pedem para vermos seus livros. Também recebemos escolas do Distrito Federal e vamos até elas para falar aos estudantes sobre literatura", explica o escritor.

E foi a preocupação com a infância e a juventude que incentivou os imortais taguatinguenses a lançar o projeto *Livro na mão* - em parceria com a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF). Este ano, foi realizado um concurso entre os escritores do DF. Professores e imortais avaliaram os 56 trabalhos recebidos e selecionaram os 30 melhores, para serem publicados e distribuídos em escolas públicas.

A primeira leva de publicações foi lançada no dia 21 de outubro. Escolas de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia foram as primeiras beneficiadas. Os alunos de 1^a a 4^a série receberam os livros infantis *Monsur e o piano*, um conto de Gacy Simas, e *Teo, o peixinho que queria voar*, do próprio José Simões.

Para os estudantes de 5^a a 8^a séries, foram distribuídas duas obras infanto-juvenis: *Lendas e contos do Planalto Central*, de Olímpio Pereira Neto, e o livro de poesias



A equipe da Divisão Regional de Cultura de Taguatinga trabalhando em prol dos artistas da cidade

Escada da vida, também de Simões. Já os alunos de 2º grau receberam o romance *Basta!*, de André Ferreira, e o livro de coletâneas poéticas *Comunidade de destinos*, também do presidente da Academia Taguatinguense de Letras.

“As demais obras serão publicadas aos poucos. Ainda não tem data para serem lançadas. Mas esperamos editá-las, no máximo, até fevereiro do ano 2000”, encerra o escritor.

Em prol de Taguatinga

A equipe da Divisão Regional de Cultura de Taguatinga tem trabalhado em prol dos artistas da cidade, desde o início do governo Roriz. O primeiro passo foi garantir a transferência do Teatro da Praça (Taguatinga Centro) para a Administração Regional de Taguatinga. Antigamente, o local era administrado pela extinta Fundação Cultural (atual Secretaria de Cultura) – o que inviabilizava a realização de vários projetos.

O diretor regional de cultura, Chico Cruvinel, avalia que a mudança possibilitou melhorias no atendimento aos anseios dos artistas locais. “Conseguimos, inclusive, baixar o valor da taxa mínima de ocupação do espaço”, destaca Cruvinel.

A mudança também possibilitou ao Teatro da Praça virar sede da Academia Taguatinguense de Letras. Até então, as reuniões da entidade eram feitas em uma casa na QNA 39 (residência do prefeito da quadra). Agora, a equipe se empenha em construir um ginásio na Praça do DI, que poderia atender ainda melhor, e de forma mais ampla, as pessoas envolvidas com a cultura da cidade.

Taguatinga merece!

Principais atividades realizadas em 1999

■ Teatro da Praça

Oficinas de Cinema

Oficinas de Teatro

IX Encontro Internacional de Filosofia (Filoesco)

Recital de músicas eruditas – Centro Cultural Agacy

Projeto Arte por Toda Parte

Instituto Horizonte Cultural – Coral Folclórico e Poesia

Lançamento de livros de poesias

Mostra de curta-metragem com Zé do Caixão

Shows de rock

Feira de Cultura – EIT

Lançamento do Núcleo de Estudos sobre Doenças

Sexuais

Exposição de artes plásticas

■ Outros espaços

Festival da Cultura Negra

Desfile de aniversário de Taguatinga

Via Sacra

I Feira Multicultural

Concurso Miss Petit

Feira do Livro

TaguáFolia

Feira de Ciência e Tecnologia de Taguatinga (Fecitag)

Os seios da namorada desperta

DINIZ FELIX DOS SANTOS

*Bojudas naves de antanho,
ah, naves a baloiçar,
no mar fremente dos dedos -
ondas das mãos feitas mar...*

*Nas vagas, singrando assim,
lá se vão as caravelas...*

*Ou são as vagas de mim,
nelas, a bem navegar?*

*Nas velas, o vento
sopra suspiros e ais:
são dores, são gozos,
são guerra, são paz.*

*Do mar encrepado,
as ondas são braços
lançados aos ares
de longos estios.*

*Até o albatroz se acautela,
da fúria dos mares bravios!...
Mas há mais ânsias na donzela
que há, nas procelas, desafios.*

Ciranda Coisas / Pessoas

MARCELO PERRONE

*Pessoas me lembram pessoas lembrando pessoas
Lembrando coisas.*

*Me lembro de coisas lembrando outras coisas
Que lembram pessoas que lembram pessoas.*

*Me lembro de coisas lembrando pessoas
Que lembram coisas.*

*Coisas que eu lembro das coisas lembrando coisas
Lembrando pessoas que dessa pessoa se lembram.*

Literaturas de Língua Portuguesa

*Portugal,
Cabo Verde,
Guiné Bissau,
Angola,
Moçambique,
Timor Leste,
Macau...*

□ JOÃO VIANNEY CAVALCANTI NUTO

EXPERIÊNCIA E DESTINO

A língua portuguesa hoje espalha-se por um imenso arquipélago. Mas falta melhor comunicação e compreensão mútua entre as ilhas. Enquanto os governos discutem unificação ortográfica, o público pouco conhece a produção cultural contemporânea dos diversos países de língua portuguesa. No caso da literatura, essa produção não é nada desprezível. Muito pelo contrário: há uma produção de alta qualidade, haja vista a concessão do Prêmio Nobel de Literatura de 1998 a José Saramago, que, apesar do gênio singular, não é um caso isolado numa língua que tem produzido grandes escritores em várias partes do mundo. Contudo, apesar de sua riqueza, essa literatura, que interessa bastante a nós, brasileiros, não é muito conhecida fora das fronteiras dos seus países. Isto não é de admirar, já que mesmo na literatura brasileira não tem havido significativa troca de experiências entre as diversas regiões do país.

Naturalmente o conhecimento mútuo das literaturas em

língua portuguesa também depende de fatores como o interesse das editoras locais em publicar autores lusófonos estrangeiros e um incentivo fiscal que tornasse mais acessível ao público o livro importado de outras nações de língua portuguesa. Contudo, se existem barreiras para um conhecimento maior por parte do grande público, ao menos no interior das universidades, nos cursos de Letras, tem havido um grande interesse em conhecer e compreender a literatura contemporânea de Portugal e da África lusófona.

Uma das funções da universidade é a extensão: levar o conhecimento produzido intramuros para a comunidade. Com esse objetivo, o Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília e o Instituto Camões da Embaixada de Portugal criaram, em 1998, um evento que reúne escritores de diversas regiões do mundo lusófono para discutirem, através do testemunho de suas obras e da reflexão sobre outros autores, a literatura contemporânea em língua portuguesa.

No I Encontro de Escritores de

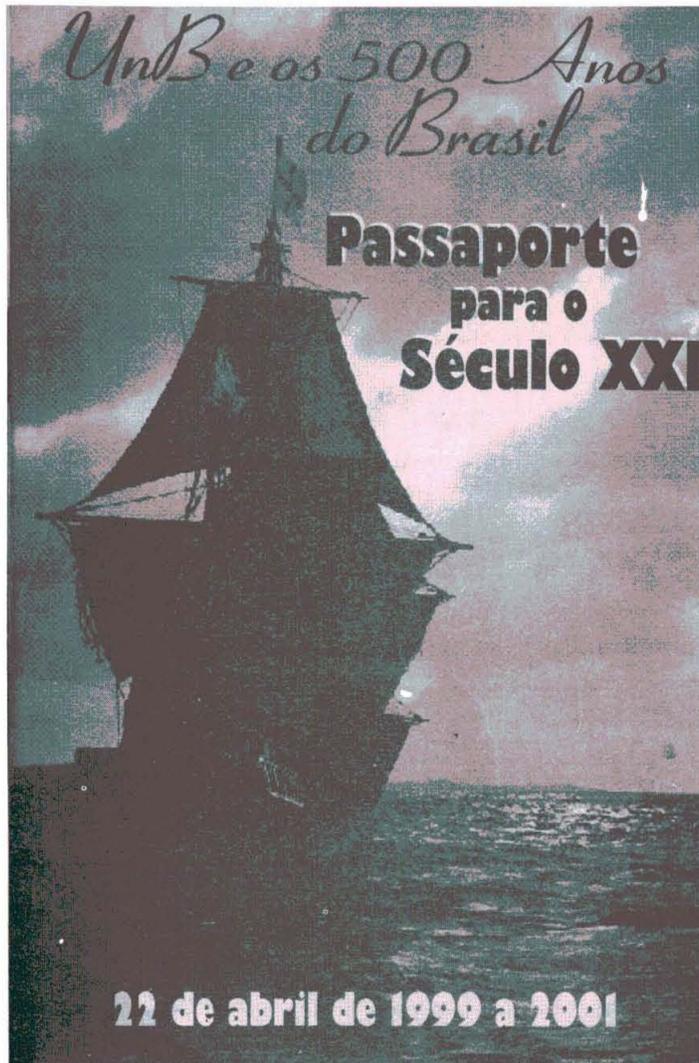
Língua Portuguesa, em 1998, tivemos a satisfação de conhecer dois grandes autores açorianos, João de Melo e Álamo de Oliveira, além de um autor jovem, mas já significativo na literatura de Angola: Eduardo Agualusa. João de Melo é escritor consagradíssimo em Portugal e Álamo Oliveira, apesar de ser pouco conhecido fora dos Açores, não é um escritor menor, haja vista a qualidade e o ecletismo de sua produção, que inclui o romance, a poesia e o teatro. Quem ler *Gente feliz com lágrimas*, de João de Melo e *Burra preta com uma lágrima*, de Álamo de Oliveira, poderá apreciar uma excelente amostra da literatura dos Açores. Já Angola foi representada por Eduardo Agualusa, que já tem um dos seus romances, *Nação crioula*, não só publicado no Brasil, como também em fase de adaptação para o cinema. Obviamente não faltaram brasileiros no Encontro de Escritores: o público brasileiro teve a oportunidade de conhecer melhor a obra do gaúcho Moacyr Scliar e do poeta carioca Affonso Romano de Sant'Anna.

Entre outubro e novembro deste ano, realizou-se o II

*A Universidade
de Brasília, UnB, é hoje
um centro de debates da língua
portuguesa no mundo*

Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, sempre com o subtítulo "Literaturas de Língua Portuguesa: Experiência e Destino". Novamente tivemos a oportunidade de trocar experiências com escritores não só do Brasil e de Portugal, como também de Angola e de Moçambique. O Rio Grande do Sul foi, mais uma vez, representado, por Luiz Antonio de Assis Brasil, que falou sobre a importância da literatura regionalista na criação de um certo mito sobre o gaúcho e da posição de sua obra dentro da tradição histórico-regionalista. Também recebemos três romancistas de temática urbana: o carioca Sérgio Sant'Anna, o catarinense Cristóvão

Tezza e o paulistano Bernardo Ajzenberg. A poesia foi representada por vozes portuguesas: E. M. de Melo e Castro, que mostrou que Portugal também faz poesia concreta e videopoesia, Luiz Filipe Castro Mendes e Rui Rasquilho, com belas amostras dos seus poemas. Também de Portugal recebemos o grande poeta, ensaísta e romancista Helder Macedo, com duas obras só recentemente publicadas no Brasil, pela Editora Record, e Augusto Abelaira, cujo romance *Bolor*, antológico na literatura portuguesa, acaba de



ser publicado pela Lacerda Editores. De Angola, trouxemos uma das vozes mais importantes: Pepetela, que, entre outras discussões sobre a literatura produzida na África, também nos falou sobre o seu novo romance, ainda não publicado. Enfim, tivemos a imensa satisfação de receber um autor moçambicano, Mia Couto, que tem encantado os brasileiros com a inventividade de sua linguagem, em que a cultura ocidental confronta-se, nem sempre harmoniosamente, com as diversas culturas nativas, sem

as quais é impossível se pensar uma nação africana. O leitor brasileiro pode ter uma amostra da beleza do texto de Mia Couto através dos livros *Terra sonâmbula*, *Estórias abensonhadas* e *Ca-da homem é uma raça*, publicados pela Editora Nova Fronteira. O evento contou também com a participação de renomados estudiosos das literaturas citadas, como os professores Almir Bruneti e Rogério Lima, da Universidade de Brasília, Maria Aparecida Santilli, da Universidade de São Paulo, Laura Padilha, da Universidade Federal Fluminense, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Ronaldo Costa Fernandes, também escritor.

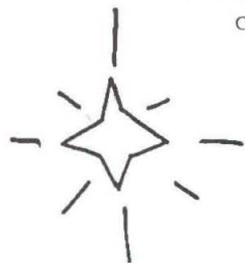
Com esse evento, que deve continuar ocorrendo anualmente, Brasília torna-se uma referência mundial na reflexão sobre a literatura em língua portuguesa e reafirma sua vocação cosmopolita, mostrando que, além do empenho em divulgar a literatura local, está aberta para a recepção do que melhor se produz em língua portuguesa em todo o mundo.

O SOBREVIVENTE

□ MAURO CASTRO

A imensa onda de pó ocasionou o desastre com o ônibus repleto de passageiros. O motorista, em alta velocidade, ao fazer a curva na estrada carroceira, não percebeu a ruidosa boiada do outro lado. Desviou, rápido, caindo o veículo para o precipício.

Despencou, rolando a ribanceira, o furacão de ferro e fogo. Arrancou, durante a vertiginosa queda, cercas e árvores. Na descida, deixando o rastro lúgubre por onde passava. A marca, o estigma da morte. No vôo, soltava as peças para o ar. E



também o vento foi culpado. O vendaval que açoitava os campos e as montanhas, cuja intensidade aumentava e diminuía desordenadamente. Repugnante. Fraudulento. Destelhando as pobres casas e fazendo correr, sem destino, os animais inquietos. Ainda o vento, o furioso vento, levando para longe as últimas esperanças, os últimos anseios, as últimas ilusões dos pacatos e humildes lavradores da região.

Entre gemidos de dor o sangue brotava dos corpos dilacerados. Alguns, aprisionados nas engrenagens enferrujadas, como reclusos da vida. As inocentes vítimas empilhadas como bonecos em lojas de liquidação: pernas e braços contorcidos, mãos amassadas, enquanto o sangue tingia o verde da floresta.

Apenas o casal de velhos habitava a humilde choupana, ao lado do cenário do acidente. Eles viviam os seus dias gloriosos de ternura, de amor, solidificados pela amizade de uma união quase centenária. Corações complacentes, oxigenados pela vida campestre. Longe das amarguras urbanas, das metrópoles mentirosas, do tédio das multidões. Distantes das cidades egoístas. Afastados das praças e ruas convocadas pelo povo para os comícios das reivindicações...

Habitavam ali os velhos amigos velhos. Respiravam o ar puro das manhãs primaveris no seu recanto inocente, bucólico, abençoando o eterno casamento. Habitantes naturais de extensão de terra onde se situam pequenos povoados de vilegiatura. Moradores da sombra acolhedora de copadas árvores. A música que os acalentava para o sono diário vinha do murmurar do riacho próximo. O



despertar, na madrugada, ao som da marcha nupcial cantada pelos bandos coloridos dos pássaros cantores.

Alheios ao mundo exterior das competições, das injustiças sociais, do intercâmbio corrupto. Indiferentes à mentirosa extravagância da palavra dos homens. Divorciados do enganoso mundo da mentira. Virtuosity, sem dúvida, porque assimilaram a branca cor dos lírios e bugaris, o lirismo das flores. Somente dialogavam palavras de carinho mútuo, sussurrando cândidas mensagens mais-que-perfeitas, assim como os primeiros violinos nos concertos da grande orquestra. Perdeu o casal a noção do tempo. O tempo era a vida e a vida era o tempo. As faces enrugadas, o branco da cor da neve nos cabelos, o andar cauteloso dos que não têm mais pressa. Desimpedidos. Desembaraçados. O elo funcional com a natureza.

Foi, então, o acidente da queda do ônibus.

O barulho sinistro das engrenagens partidas. O vento sibilante que despertou o casal. Episódio inusitado naquelas paragens do fim do mundo, no lugarejo chamado Felicidade. Acordados, viram que estava tudo mudado no universo de suas vivências. Antes, o silêncio do silêncio. Agora, a negra noite foi acordada pelo despertar da morte.

Surgiu Gabriela, encolhida, tremendo. Segurava a lanterna como testemunha presencial.

O que você tem, Gabriela? Perguntou Gabriel, tropeçando no sujo balde ao lado da cama.

Foi quando, juntos, abriram a janela. Espreitaram o mundo triste do desastre, envoltos na miséria da dor. Uniram-se, de joelhos, começaram a rezar. Preces fervorosas, sinceras. Aprenderam e exercitaram quando moços, nas terras rurais. As únicas armas que possuíam. A não ser pelo velho cão que passava a noite em

vigília, porque tomava conta da casa, Gabriel e Gabriela se defendiam pela oração.

Súbito, o estrondo. Em seguida, as labaredas voluntariosas dominaram resolutas em volta da choupana. A noite escura iluminada pelas chamas. O vermelho do fogo contrastava com o preto manto da noite.

Em prantos, Gabriel e Gabriela invocaram a Deus.

O incêndio se alastrou. A destruição como cúmplice, com a voracidade dançarina das labaredas. Na forma incontida de chicotear o próprio ar, disputavam com o vento a competição destruidora. A fotografia do horror nas expressões melancólicas das duas testemunhas que habitavam o pedacinho do mundo paraíso dos pássaros cantores. O mundo radiante composto de manhãs e noites celestes na tranqüilidade solidária das pessoas felizes.

A noite foi andando para a madrugada. Perto, muito perto, os últimos acordes da sinistra orquestra noturna do quadro dantesco.

Apenas um sobrevivente!

Ele, com as vestes rasgadas, sujas, queimadas. Capengando e se arrastando pela ribanceira, amassando os jardins das rosas amarelas que circundam a choupana. O pobre molambo. Além das vestes, o coração rasgado. Os olhos lacrimejando o pavor. Em cada investida pelos íngremes caminhos o incessante pulsar da esperança.

Apenas um sobrevivente!

Ele não buscava a felicidade. Procurava a vida. Não fugia dos mortos. Fugia da morte. Triste, distribuía a dor. Agora, o entorpecimento. Agruras que alfinetavam. Ágia, atônito, inquieto. Derrotado pelo acidente, convocado para a morte.

Mas... ainda que trôpego e ofegante, procurava ganhar a insidiosa batalha. Testemunha ou vítima do hediondo, prisioneiro de situação deprimente. Exuberante,

pela vontade de salvar-se. Intrépido, apelo à vida. Esforçado, foi caminhando ao redor de pequenos lagos e nas nascentes de pequenos riachos. Atordoado, mal divisava algumas veredas cuja situação topográfica dificultava o caminhar.

O diagnóstico. Sim, o diagnóstico atestava que ele deveria procurar medidas mitigadoras. Ah! A infinita dor que o pungia. O meio físico? As encostas? Ele não tinha condições de fazer comparações ou observar diferenças. Condições básicas de sua precária existência recomendavam paciência, resignação. O exercício de colocar o desespero dentro de uma oficina pedagógica. Remover o desditoso mal que deseja demolir o apaixonado bem.

Então, pisando nas hortaliças e pequenas plantas frutíferas, atingiu a casinha. Atingiu o topo, com dificuldades. Bateu na porta. Bateu, respirando mal a escura fumaça da poluição que se alastrou.

- Por favor, abram a porta, estou pedindo socorro. E tornou a bater seguidas vezes.

- Por favor, abram a porta.

Foi quando Gabriel, ao atender o apelo, abriu a porta e o próprio coração. O rapaz entrou decadente, encardido, encarcerado dentro da sua alma incoerente. Agradecido. Pleno de pavor e de esperanças. Na penúria da sala divisou os dois velhinhos.

- Meu Deus! Disse Gabriel. É o nosso filho Ezequiel.

- É sim. Meu Deus! Disse Gabriela. O nosso filho querido desaparecido há vinte anos.

Abraçados, choravam os três. Choravam todas as lágrimas acumuladas nos decênios da dura separação. Das chamas da desgraça, surgiu a felicidade.

Crepúsculo matutino. A claridade precedia o romper do sol. O esplendor do encontro, durante a primeira luz da manhã.

Alvoreceu a união com a presença do ausente.

Língua à Vinagrete

José Prates

Ao Linguólogo Luiz Turiba

Relógio com fuso horário

Tá confuso no erário

Relógio confuso

Estilizado

Está lesado

Declaradamente é confuso

Descaradamente, mente

Dez caras da mente Descara texto

Texto à mente

Vídeo lógico assumido

Ás sumido

Carta da preta

Cartada do mestre

Fora do bar

Do Bar Alho!

Com fisco

E com juro

Não dá!

Desconjuro e confisco

Seu rabisco

Seu rabió

Rabi de ló

Epistêmio, é lógico, teima

Teima à toa, à toa

A tua

(Sim, é a tua!)

Diz que

Sodoma é Gomorra

Tubérculo é risoma

Que goma, que borra!

Epistêmio Lógico da Silva Cognoscivo

É isso aí: é cognoscivo

Cago no Silvo

Jurisconsulto

Meto a porrada

Dou de cacete.

— Não pára

Não pára, Nóica

Que a reação

É pirética

Pirotécnica

Pirocrática!

— Diz! Diz com Juros:

— “Desconjuro pé-de-pato

Bosta-de-galinha-choca

Alcoviteiro-das-comadres...”



*Antes do Tchan,
o Pacotão
já mostrava a
preferência nacional*



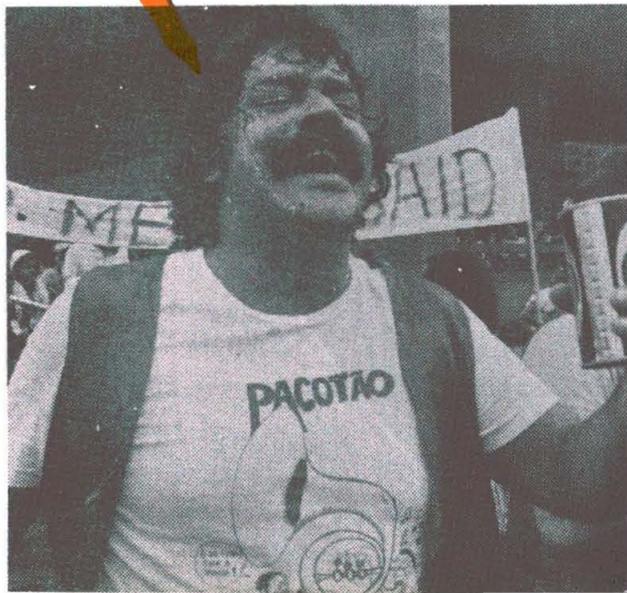
*Sensação
do bloco, o cozinheiro
Nicodemo sacudia
o esqueleto*



O Pacotense

□ FAFÃO DE AZEVEDO

*Jornalista
João Bastista,
o Bolão,
um dos
fundadores
do bloco
Pacotão*



Sociedade Armorial Patafísica Rusticana - o Pacotão. Com este título a gente imagina qualquer coisa, menos um bloco de carnaval, não é? Mas as aparências enganam.

Tudo começou no Clube da Imprensa de Brasília, em 1977, numa manhã de sábado, quando um grupo de jornalistas resolveu fazer a brincadeira para "homenagear" o Pacote de Abril, jogado pelo então presidente Geisel sobre as costas do nosso povo. Com o Congresso Nacional fechado e a Constituição alterada para garantir por mais algum tempo o regime arbitrário, só nos restava mesmo pular o carnaval.

Resgatando a tradição dos blocos de sujo (e bota sujo nisso), a turma saiu com pouco mais de cem pessoas, pela

...ai que saudade.



*Durante anos,
milhões de foliões
desfilavam e destilavam
críticas ao regime militar*

contramão da avenida W-3, carregando estandartes e faixas com sátiras políticas, nossa marca registrada até hoje, cantando o samba "Saudade da Beleza", de Cláudio Lysias, Guarabyra e Carlão.

Era fevereiro de 1978 e dizem alguns que invadimos o desfile oficial das Escolas de Samba, passando pelo meio de uma delas em sentido contrário, mas isso eu não posso afirmar porque, como todos sabem, a gente quando bebe esquece o que faz. Só confirmando com o Charles Preto, nosso presidente vitalício.

Só sei que no ano passado fomos enredo da campeoníssima ARUC (Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro) e que neste ano completamos a maioria. É isso aí, 21 anos mas com um corpinho de 15!

Durante o desfile os companheiros reclamaram que eu nunca escrevi, em minhas crônicas, uma única palavra sobre o Pacotão. Quase morri de vergonha, mas estou aqui para me redimir dessa falta gravíssima, antes que descontem sete pontos da minha carteira.

*"O pacotão previu:
aiatolamos"*

(1984)

Sou folião do Pacotão
Só ando na contramão
Saio de noite, durmo de dia
Amigo de mulher vadia
Mergulho na boemia
Durante a semana inteira
De segunda a quinta-feira
É uma só bebedeira.
Mas a sexta não me engana
É programa de amador
Durante o fim de semana
Tenho uma vida caseira
Juntinho da companheira.
Sou do contra sim senhor.
Não devo nenhum favor
A banqueiro ou empresário
Acho tudo salafrário
Gente que não paga imposto
Eu pago (não é por gosto).
O meu já vem descontado
Quando recebo o salário.
Merreca de aposentado!
Prefiro feira a MERCADO
Esse deus onipotente
Que agora manda na gente
Segundo os neoliberais
A meu ver tá tudo errado
Já estou ficando louco
Pois enquanto eu ganho pouco
Tem cara ganhando demais.
Assumo, sou saudosista,
Sou até socialista.
Por favor, não leve a mal,
Mas minha grande alegria
É falar mal do governo
Pra brincar meu carnaval.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente: Edimar Pireneus
Vice-Presidente: Gim Argello
1º Secretário: Wasny de Rouse
2º Secretário: Daniel Marques
3º Secretário: Benício Tavares

Conselho Editorial

Francisco Gustavo de Castro Dourado, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Margarida Patriota, João Henrique Serra Azul, José Ferreira Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, José Prates, Gracia Cantanhede, José Geraldo Pires de Mello, Luiz Gonzaga Rocha, Diniz Felix dos Santos, Romário Schettino, João Vianney C. Nuto, Marco Túlio Lustosa de Alencar

Coordenador de Editoração e

Produção Gráfica: Randal Junqueira
Assistente da Coordenadoria: Wellington M. Oliveira

Editor DF Letras: Luis Turiba

Programação Visual: Marcos Lisboa

Editoração Eletrônica:

Apolo Guandalini

Fotografia: Fábio Rivas, Sílvio Abdon, Carlos Gandra e Rinaldo Morelli

Revisão: Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço

Digitação: Gilberto Lucas, Chrissoula Pappas e Sérgio Cáceres

Chefe da Seção de Editoração: Valéria Castanho

Equipe:

Antônio Eufrauzino, Claudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Márcia Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein, Oscar Monterrojes e Teobaldo André

Chefe da Seção de Produção Gráfica: Pedro Victor de Senna Rodrigues

Equipe:

Abimael Amorim, Adelton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José de Jesus, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sílvio R. Fonseca e Vicente Lima

Tiragem: 5 mil exemplares

Esta edição compreende os números 63/69, meses de junho a dezembro/1999.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação: CEPG

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8413

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

Lançamento

Durante a sessão ordinária da Câmara Legislativa, no dia 5 de agosto, o deputado Rodrigo Rollemberg fez questão de anunciar o lançamento da revista DF Letras, que iria ocorrer no restaurante Carpe Diem, no dia 11 de agosto.

"Parabenizo a Mesa Diretora por ter escolhido o jornalista Luis Turiba, grande poeta e grande figura humana desta cidade, como editor da citada revista. Não tenho a menor dúvida de que a revista DF Letras será uma referência para a nossa cidade no campo literário", destacou o deputado.

É com prazer que escrevo para parabenizá-los pela revista DF Letras, que é super-procurada por estudantes e professores, pois tem matérias interessantíssimas. Sou bibliotecária da Faculdade de Filosofia Cora Coralina; notei que temos alguns números, mas o último que recebemos foi de 1998. Peço encarecidamente que continuemos a receber a revista, pois enriquece sobremaneira o nosso acervo.

Rivanilce Calixto - GO

Senhor Editor ,

Escrevo-lhe esta pequena mensagem para comunicar-lhe que recebi ontem mais uma edição da conceituada revista DF Letras.

Desta feita chega às minhas mãos a edição nº 59/62, trazendo matérias muito interessantes. Destaco a entrevista com o embaixador Lauro Barbosa da Silva Moreira.

Quero parabenizá-lo pelo excelente trabalho que tem desenvolvido à frente desta grande revista. A cultura brasileira agradece sua dedicação e esmero.

Ricardo S. Fíngolo - PR

Caro Editor,

Gostei muito de ler a DF Letras: variada, bom aspecto gráfico, artigos e entrevistas vibrantes e inteligentes, bons textos literários, ilustração e fotos de excelente qualidade. A entrevista que você e Ana Lúcia Moura fizeram com o culto e dinâmico embaixador Lauro Barbosa da Silva Moreira está ampla, ótima, traz fatos tão importantes, que passei a uma professora de história uma cópia xerocada. Do artigo de Romário Schettino sobre o livro *Preconceito*

lingüístico, tirei outras cópias para colegas, professores de português. Não se trata de pirataria, mas de divulgação, incentivando possíveis assinantes. Parabéns! Sucessos!

P.S. - Faltou o como adquirir o CD gravado pelo embaixador, com poesias de nossos monstros (belos!) sagrados.

Caminha

Acuso recebimento da DF Letras nº 59/62. Muito obrigado pelo envio.

Aproveito o ensejo para parabenizá-los por mais uma magnífica edição; uma edição especial, dedicando atenção especial aos "500 anos de descobrimento do nosso país."

Devo confessar-lhes que foi a primeira vez que li a carta de Caminha na íntegra, só para vocês terem uma idéia da importância histórica e cultural da DF Letras.

As demais matérias não ficaram para trás, todas com um altíssimo grau de especificidade voltado para a arte.

Finalizo, desejando-lhes muito sucesso.

Carlos Galeno - PA

EDITORIAL

Relevância à sociedade

Muitas congratulações à revista DF Letras. No seu último número, depois de seis meses sem circular, ela trouxe o debate sobre as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, sob a ótica do embaixador Lauro Moreira, presidente da Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimento do Brasil. O embaixador é considerado o comandante das comemorações dos 500 anos e acredita que para festejar é preciso muita reflexão, ação e, acima de tudo, muita poesia.

Vinícius de Moraes, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade eram apenas alguns dos amigos com quem Lauro Moreira conviveu ao longo dos anos. Sua vida sempre girou em torno da poesia; de sua experiência e seu conhecimento

surgiu o álbum, com dois CDs, *Mãos Dadas*. Na entrevista, feita pelos jornalistas Luis Turiba e Ana Lúcia Moura, o embaixador fala da filosofia que cerca o programa comemorativo dos 500 anos e afirma ser preciso tirar o Brasil da adolescência existencial para assumir compromissos sociais mais justos e duradouros.

No editorial, o deputado e vice-presidente da Câmara Legislativa, Gim Argello, aborda a questão dos vários sotaques brasileiros em Brasília, afirmando, como falam muitos, que a cidade não tem sotaque próprio, ou que ela não tem uma raiz cultural definida, o que não é verdade.

Parabéns à revista DF Letras e aos seus editores.

Editorial do Jornal "O Parlamento" publicado em outubro de 1999.



Axé

Axé

Axé

Axé

Axé

Axé

para todo o mundo

A Câmara Legislativa comemorou com uma sessão solene o Dia Nacional da Consciência Negra. A proposta foi do deputado Paulo Tadeu (PT), que presidiu a solenidade. Lideranças do Movimento Negro do DF participaram da homenagem, que teve ainda a apresentação do Grupo de Dança Afro Orixás Mylleggy e do Bumba-meu-boi de Seu Teodoro.

ERRO DE PORTUGUÊS

Oswald de Andrade / Resa

